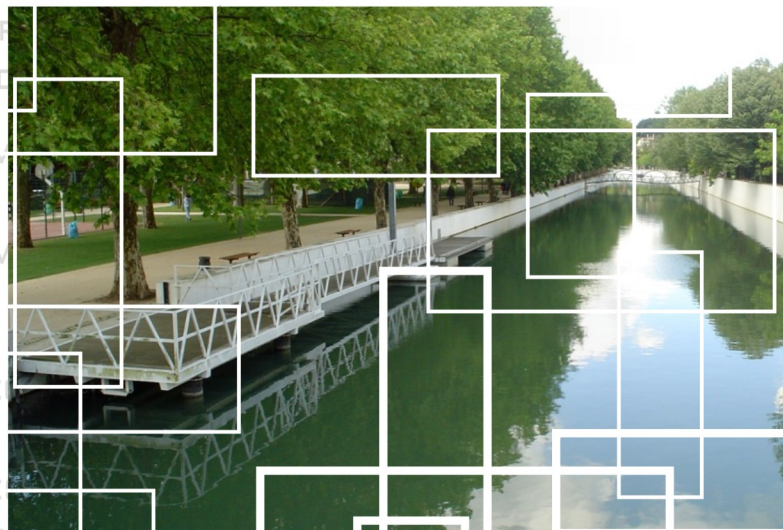




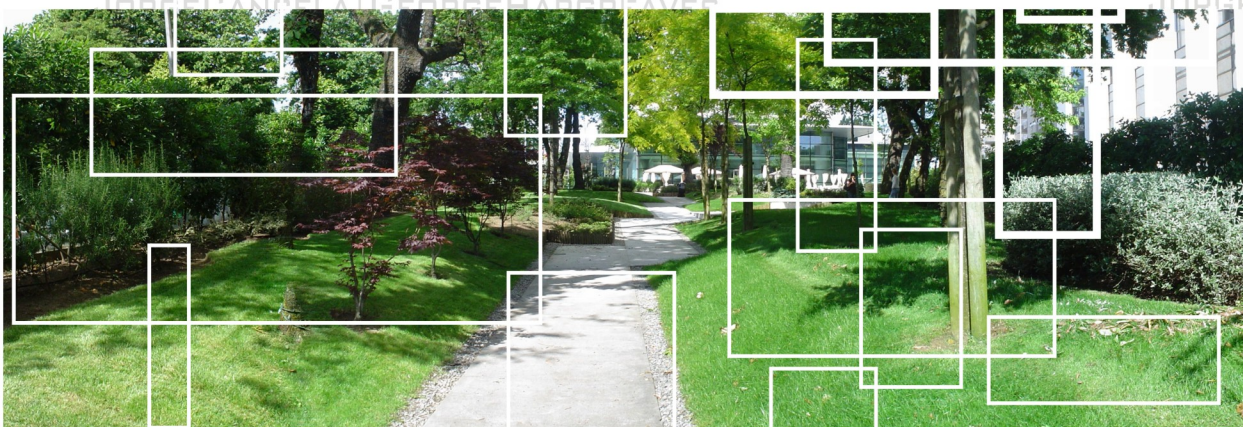
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

LICENCIATURA EM ARQUITECTURA PAISAGISTA

PROJECTO DE ARQUITECTURA PAISAGISTA III



JORGE CANCELA
HARGREAVES



ARQUITECTOS CONTEMPORÂNEOS

Fernando Reis - José Furtado - Patrícia Monteiro - Sandra Leite - Susana Fonseca

2008

AGRADECIMENTOS

[Ao Arquitecto Paisagista **JORGE CANCELA** pela disponibilidade total demonstrada em nos receber na *Biodesign*, a sua “casa” de trabalho, e pela simpatia, amabilidade, honestidade e paciência demonstradas em esclarecer as nossas dúvidas acerca do seu trabalho.

À Arquitecta Paisagista Laura Roldão Costa pela sugestão de incluirmos no nosso trabalho uma pesquisa sobre o Arquitecto Paisagista **GEORGE HARGREAVES** e por todo o apoio e esclarecimentos prestados no decorrer do mesmo.

Aos nossos familiares, amigos e colegas pela paciência e persistência em nos aturar ao longo destes anos todos.

Ao nosso caro colega e amigo Rui Bento, pela disponibilidade demonstrada em nos fornecer fotografias do Parque da Cidade de Leiria.

A todas as pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho.]

Fernando Reis, José Furtado, Patrícia Monteiro, Sandra Leite e Susana Fonseca

Vila Real, 23 de Maio de 2008

RESUMO

Depois de ultrapassada a difícil escolha dos Arquitectos objecto deste estudo biográfico – **Jorge Cancela** e **George Hargreaves** – iniciámos uma longa e intensa fase de pesquisa que culminou com a elaboração deste texto.

A partir da sua leitura e análise é possível perceber que a semelhança entre eles vai para além do nome, sentindo-se alguma proximidade filosófica entre os profissionais aqui retratados, ainda que essa proximidade se reflecta de forma diferente na execução dos seus trabalhos.

Ambos se destacaram na concepção de grandes espaços de usufruto comunitário e é perceptível o seu gosto pela recuperação de orlas costeiras e/ou ribeirinhas, inserido num contexto global de ordenamento do território e de preservação da paisagem natural.

O seu percurso de vida apresenta algumas semelhanças, nomeadamente ao nível do empreendedorismo, na medida em que ambos fundaram o seu próprio gabinete e decidiram enveredar pela realização de obras quase sempre públicas e de grande envergadura. Outro factor em comum foi a necessidade que sentiram na internacionalização e na divulgação dos seus trabalhos.

A docência é mais uma das particularidades que os une, na medida em que ambos tentam transmitir a informação que um dia lhes foi passada e que o tempo aperfeiçoou.

Do *portfolio* de trabalhos que ambos realizaram, optámos por analisar o **Jardim do Sheraton Porto Hotel & SPA** e o **Parque da Cidade de Leiria**, de Jorge Cancela, e o **Jardim da Vila Zappu** e o **Guadalupe River Park** (ambos no estado da Califórnia, EUA), de George Hargreaves.

ÍNDICES

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	1
RESUMO	2
ÍNDICES.....	3
ÍNDICE GERAL.....	3
ÍNDICE DE IMAGENS.....	5
1_ARQUITECTO PAISAGISTA JORGE CANCELA	8
1.1_PERCURSO ACADÉMICO	8
1.2_PERCURSO PROFISSIONAL	10
1.3_PROJECTOS REALIZADOS	13
1.4_PRÉMIOS E PUBLICAÇÕES.....	14
1.5_INFLUÊNCIAS.....	15
1.7_PROJECTO DE CARÁCTER PRIVADO – JARDIM DO HOTEL SHERATON	16
1.7.1_LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	16
1.7.2_CONCEITO ASSOCIADO À CONCEPÇÃO	17
1.7.3_DESCRIPÇÃO DO PROJECTO	18
1.7.4_VEGETAÇÃO	26
1.7.5_MATERIAIS	29
1.7.6_EQUIPAMENTOS.....	30
1.7.7_OUTROS	32
1.7.8_CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
1.8_PARQUE PÚBLICO DA CIDADE DE LEIRIA	35
1.8.1_LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	35
1.8.2_OBJECTIVO	36
1.8.3_CONCEPÇÃO.....	37
1.8.4_DESCRIPÇÃO DO PROJECTO	38
1.8.5_VEGETAÇÃO	46
1.8.6_MATERIAIS	50
1.8.7_EQUIPAMENTOS.....	52
1.8.8_OUTROS	55
1.8.9_CONSIDERAÇÕES FINAIS	59

2_ARQUITECTO PAISAGISTA GEORGE HARGREAVES.....	61
2.1_PERCURSO ACADÉMICO	61
2.2_PERCURSO PROFISSIONAL	61
2.3_PROJECTOS REALIZADOS	63
2.4_PRÉMIOS E PUBLICAÇÕES.....	65
2.5_INFLUÊNCIAS.....	66
2.6_CONCEITO DA SUA OBRA.....	67
2.7_PROJECTO DE CARÁCTER PRIVADO VILLA ZAPU.....	68
2.7.1_LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	68
2.7.2_DESCRIPÇÃO GENÉRICA DO PROJECTO	73
2.7.3_O PROJECTO DE ARQUITECTURA PAISAGISTA	77
2.8_PROJECTO DE CARÁCTER PÚBLICO GUADALUPE RIVER PARK	79
2.8.1_LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	79
2.8.2_CONCEITO ASSOCIADO À CONCEPÇÃO	82
2.8.3_DESCRIPÇÃO GENÉRICA DO PROJECTO	83
2.8.4_VEGETAÇÃO	89
2.8.5_EQUIPAMENTOS.....	94
2.8.5.1_RECEPTÁCULOS PARA LIXO	95
2.8.5.2_BANCOS.....	96
2.8.5.3_MESAS PARA PIQUENIQUE.....	97
2.8.5.1_SINALÉTICA.....	98
2.8.7_OUTROS	99
3_NOTAS FINAIS	103
4_BIBLIOGRAFIA	104
4.1_LIVROS CONSULTADOS.....	104
4.2_OUTRAS PUBLICAÇÕES	104
4.3_SÍTIOS WEB CONSULTADOS	105
5_ANEXOS	106

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1.1 – Jorge Cancela, Arquitecto Paisagista.....	8
Figura 1.2 – Atelier da <i>Biodesign, Amadora</i> - I.....	10
Figura 1.3 – Atelier da <i>Biodesign, Amadora</i> - II.....	11
Figura 1.4 – Jorge Cancela numa das suas viagens ao continente africano.....	12
Figura 1.5 – Imagem aérea do Jardim do Hotel Sheraton (Porto)	16
Figura 1.6 – Localização do Jardim do Hotel Sheraton (Porto).....	16
Figura 1.7 – Carvalhos pré-existentes	18
Figura 1.8 – Faixa de carvalhos pré-existentes, que delimita a zona do jardim	19
Figura 1.9 – Portão de entrada para o jardim.....	20
Figura 1.10 – Praça de recepção para o jardim	21
Figura 1.11 – Percurso de acesso às zonas de estadia	21
Figura 1.12 – Zona de estadia, pavimentada	22
Figura 1.13 – Diversidade das espécies vegetais existentes.....	22
Figura 1.14 – Perspectivas da esplanada instalada no <i>deck</i> virado a sul	23
Figura 1.15 – Localização da rampa ajardinada, no contexto global	24
Figura 1.16 – Localização da rampa ajardinada, no contexto global	24
Figura 1.17 – Alinhamento de <i>Magnolia grandiflora</i>	25
Figura 1.18 – Elemento de água	25
Figura 1.19 – Portão de segurança	26
Figura 1.20 – Pormenor dos muros lajeados a granito (A) e do pavimento (B).....	29
Figura 1.21 – Pormenores da iluminação do espaço	31
Figura 1.23 – Remates com vedações de estacas de madeira	33
Figura 1.24 – Caixas de rega no meio do relvado.....	34
Figura 1.25 – Plantas pouco adaptadas às condições do meio.....	34
Figura 1.26 – Parque da Cidade de Leiria, junto ao Rio Lis.....	35
Figura 1.27 – Plano Geral da zona 4 do Programa Polis em Leiria	36
Figura 1.28 – Zona do Marachão	37
Figura 1.29 – Campo de ténis existente, totalmente degradado.....	40
Figura 1.30 – Peça de entrada de Cassiano Branco.....	40
Figura 1.31 – Peça escultórica “A Caminho do Mercado”	41
Figura 1.32 – Primeiro núcleo – Ludoteca, bar e esplanada	41
Figura 1.33 – Segundo núcleo – Ligação com a Rua Comissão da Iniciativa	42
Figura 1.34 – Ponte de atravessamento pedonal sobre o Rio Lis.....	42
Figura 1.35 – Espaços verdes ao longo do Parque.....	43
Figura 1.36 – Rampas e escadas para acesso directo ao Parque.....	43
Figura 1.37 – Campo de jogos pavimentado	44
Figura 1.38 – Pavimentos recuperados	45
Figura 1.39 – Cais flutuante na margem do Rio Lis	45

Figura 1.40 – Alameda de plátanos paralela ao Rio Lis	47
Figura 1.41 – Consolidação dos taludes na margem do Rio Lis	50
Figura 1.42 – Capeamento dos muros do Rio Lis	50
Figura 1.43 – Tipos de pavimento no Parque da Cidade.....	51
Figura 1.44 – Pavimento do parque infantil, em areão de rio lavado	51
Figura 1.45 – Fonte luminosa com painel em calhau rolado	52
Figura 1.45-i – Iluminação dos percursos pedonais	53
Figura 1.46 – Iluminária de chão	53
Figura 1.47 – Tipologias de bancos existentes ao longo do parque	54
Figura 1.48 – Tipologias de papeleiras e bebedouros do parque	55
Figura 1.49 – Equipamento do parque infantil.....	55
Figura 1.50 – Tipologias de sistemas de rega.....	56
Figura 1.51 – Posicionamento das caixas de rega	57
Figura 1.52 – Pormenores do sistema de drenagem.....	58
Figura 1.53 – Margens artificializadas do Rio Lis	60
Figura 2.1 – George Hargreaves, Arquitecto Paisagista.....	61
Figura 2.2 – Trabalhos do Arquitecto Paisagista George Hargreaves	64
Figura 2.3 – Villa Zapu	68
Figura 2.4 – Mapa Geográfico do Estado da Califórnia.....	69
Figura 2.5 – A: Localização relativa de Napa e B: As principais Regiões Fisiográficas da Califórnia	70
Figura 2.6 – A: Áreas de produção de vinho na Califórnia e B: Principais cidades e Ocupação do Solo Urbano (vermelho) e Agrícola (verde) na Califórnia	71
Figura 2.7 – Produção vinhateira em Napa Valley	71
Figura 2.8 – Vista parcial da cidade de Napa, do vale em que se insere a Villa Zapu.....	72
Figura 2.9 – Villa Zapu – Vista de conjunto.....	74
Figura 2.10 – Aspectos da Villa Zapu - I	75
Figura 2.11 – Aspectos da Villa Zapu - II	76
Figura 2.12 – Imagem relativa a um possível Plano Conceptual de Villa Zapu.....	77
Figura 2.13 – Guadalupe River Park and Gardens	79
Figura 2.14 – Localização de San Jose, no estado da Califórnia.....	80
Figura 2.15 – Localização e resumo da zona de intervenção.....	81
Figura 2.16 – Guadalupe River Park – vista aérea.....	82
Figura 2.17 – Guadalupe River Park and Gardens – Plano Geral	83
Figura 2.18 – Percurso pedonal sob a auto-estrada	85
Figura 2.19 – Terraceamento das margens ribeirinhas	86
Figura 2.20 – Terraceamento das margens ribeirinhas	87
Figura 2.21 – Programa de intervenção para controlo de cheias no Rio Guadalupe.....	88
Figura 2.22 – Maqueta de modelação do terreno do Guadalupe River Park.....	89
Figura 2.23 – Guadalupe Gardens	90

Figura 2.24 – Heritage Rose Garden.....	91
Figura 2.25 – Disposição espacial das roseiras no Heritage Rose Garden.....	91
Figura 2.26 – Historic Orchard.....	92
Figura 2.27– Plano de plantação do pomar	93
Figura 2.28 – Courtyard Garden.....	93
Figura 2.29 – Plano do Courtyard Garden	94
Figura 2.30 – Tipologias de receptáculos para lixo	95
Figura 2.31 – Diferentes tipologias de bancos	96
Figura 2.32 – Diferentes tipologias de mesas de piquenique	97
Figura 2.33 – Diferentes placas de sinalização.....	98
Figura 2.34 – Pool of genes (Piscina de genes).....	99
Figura 2.35 – Arena Green.....	100
Figura 2.36 – Diferentes espaços verdes ao longo do Guadalupe River	101
Figura 2.37 – Discovery Meadows (Pradarias da Descoberta)	102

1_ARQUITECTO PAISAGISTA JORGE CANCELA

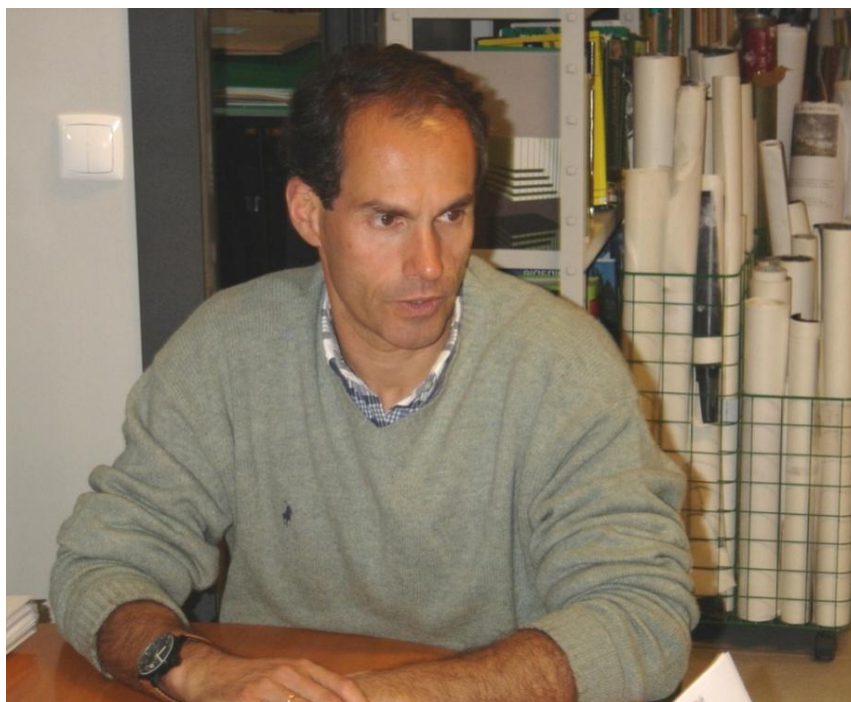


Figura 1.1 – Jorge Cancela, Arquitecto Paisagista
[Fonte: Os autores, 2008]

1.1_PERCURSO ACADÉMICO

A vida do Arquitecto Paisagista Jorge Cancela, enquanto criança, foi sempre ligada a dois mundos distintos: por um lado a actividade profissional do seu pai no atelier de maquetas, que era a realidade em que vivia durante a semana e por outro lado a actividade rural da família da sua mãe, onde passava a maioria dos seus fins-de-semana.

Jorge Cancela refere que “(...) *gostava muito do campo, da actividade rural, gostava de perceber e ver como é que as coisas se faziam, e porquê no campo. Por outro lado, tinha no ambiente profissional do meu pai, o outro contacto, outro contexto, outro tipo de conversa e outro tipo de discussão, que na altura não sabia bem o que era mas achava piada discutirem prédios e cidades e umas plantas grandes com uns desenhos grandes (...) achava piada entre o contraste da vida muito prática ligada às actividades rurais e uma vida de discussão ligada ao planeamento, às cidades e aos edifícios.*”

Estudou no colégio São João Brito em Lisboa e a par tinha actividades ligadas à observação e identificação de aves, o que lhe proporcionava muito trabalho de campo. Com cerca de dezasseis anos colaborou com uma organização ambiental, a “Liga

para a Protecção da Natureza” e aí diz ter descoberto uma das suas facetas – a protecção da natureza. Com estas actividades acaba por colaborar com a Secretaria de Estado do Ambiente da altura no projecto “Atlas da Nidificação das Aves em Portugal”, onde teve pela primeira vez contacto com Arquitectos Paisagistas e tomou conhecimento da existência do curso.

“ (...) quando me informam que é um curso ligado à Agronomia mas que permite depois o desenho da paisagem, de cidades, do espaço exterior e ordenamento do território e conservação da natureza. E disse: “pronto, é isto!”. Então a instrução tornou-se relativamente clara por volta dos meus dezasseis anos, percebi que era o que realmente queria e gostava de fazer.”

A escolha da Universidade para onde iria estudar foi o passo seguinte e não hesitou ao escolher a Universidade de Évora pelo facto de ter uma paisagem mais rural e de querer estar em contacto com a natureza. Além disso o facto de em Lisboa ter de primeiro tirar um curso de Agronomia e só depois poder fazer o Curso Livre de Arquitectura Paisagista não lhe agradava, nem viver na cidade caótica que era Lisboa na época. Acaba por entrar na Universidade de Évora em 1981 para o curso de Arquitectura Paisagista, com duração de cinco anos.

Durante a sua vida académica dedicou-se a várias actividades extracurriculares. Com um amigo Engenheiro Agrícola fundou a revista “Alternativa Rural” da qual foi director adjunto; com outro amigo fundou o “Grupo de Estudos do Ambiente” da Universidade de Évora, que estava sediado no Laboratório de Ecologia da Universidade e trabalhou ainda com o professor de Fitossociologia na recolha, identificação e catalogação de plantas, sendo nesta área que decidiu fazer o seu trabalho de fim de curso orientado pelo Professor Malato-Beliz.

Entretanto, em 1986, o seu professor de Solos propõe-lhe uma colaboração num estudo que pretendia perceber como compatibilizar uma plantação industrial de eucaliptal com os valores de uma paisagem onde esse eucaliptal se ia implantar, tornando-se esse o tema do seu trabalho final de curso, com orientação dos Professores Malato-Beliz e Caldeira Cabral.

Mais tarde realizou um *Master of Science* em “*Environmental Management*” na Wye College da Universidade de Londres.

1.2_PERCURSO PROFISSIONAL

Após a conclusão da licenciatura, Jorge Cancela continuou – durante cerca de dois a três anos – ligado à Universidade de Évora pelo trabalho que se encontrava a realizar e que serviria também para o trabalho final de curso que entregou nove anos após a conclusão do mesmo.

Seguiram-se vários trabalhos, alguns dos quais ligados aos eucaliptais, como colaborador da Soporcel, empresa com quem tinha trabalhado em conjunto para o projecto anterior.

Em Fevereiro de 1991 funda a *Biodesign – Arquitectura Paisagista, Planeamento e Consultadoria Ambiental Lda.*, onde trabalharam sempre equipas multidisciplinares na procura das melhores soluções para as mais diversas áreas de intervenção, como sejam o projecto de espaço exterior, planeamento de espaços verdes urbanos, ordenamento e gestão do território, conservação da natureza, recuperação de paisagens degradadas, criação e valorização de zonas húmidas, estudos de impacte ambiental e interpretação e divulgação da paisagem (figuras 1.2 e 1.3).



Figura 1.2 – Atelier da *Biodesign*, Amadora - I
[Fonte: autores, 2008]

O trabalho de atelier é organizado no sentido de haver um responsável por cada projecto – “gestor de projecto” – por quem passa toda a informação relativa a esse projecto e depois normalmente é um trabalho de equipa que gera a solução final. O processo pelo qual passa o projecto após dar entrada na *Biodesign* é sempre o mesmo para que a organização se mantenha. Desta forma e após esse mesmo processo ter sido revisto, em 2003 a empresa conseguiu a certificação pela NP EN ISO 9001 (2000).

“(...) analisar o ciclo todo do processo, perceber o ciclo e saber onde é que há ineficiências para as corrigir. Foi um processo interessantíssimo, que eu recomendo porque nos ajuda a perceber onde é que podemos melhorar (...)”



Figura 1.3 – Atelier da *Biodesign*, Amadora- II
[Fonte: autores, 2008]

A *Biodesign* encontra-se também a trabalhar além fronteiras. Esse percurso de trabalho no exterior começou por um trabalho feito na Reserva da Biosfera da Unesco, na ilha de Oregon em Bijagós. A esse respeito o Arquitecto refere:

“(...) gostei imenso daquela experiência, gostei imenso de contactar com outras culturas, outros contextos, outros tipos de problemas e sentir que a abordagem ética e metodológica se mantinha válida. Foi uma experiência positivíssima (...) e então a partir daí, sem fazer muito por isso, sempre que havia a oportunidade de trabalharmos fora de Portugal, começávamos logo a trabalhar”.

Actualmente e após ter trabalhado em países como a Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Argélia – país onde tem actualmente um escritório – o atelier encontra-se completamente internacionalizado.

Nota: A entrevista pode ser lida na sua íntegra no anexo I deste estudo.

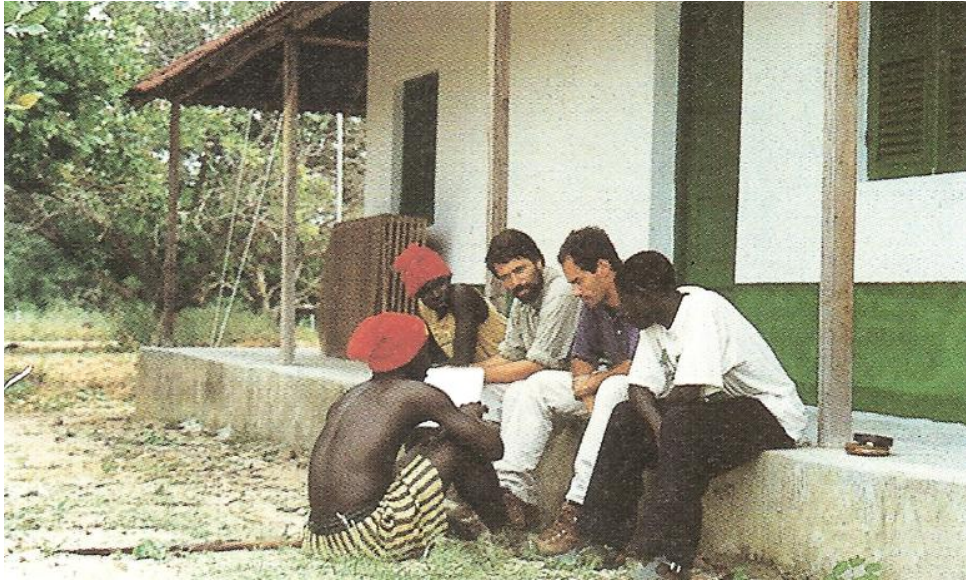


Figura 1.4 – Jorge Cancela numa das suas viagens ao continente africano
[Fonte: Folheto da *Biodesign*]

Paralelamente à actividade do atelier, é professor na Faculdade de Engenharia da Universidade Católica Portuguesa, mas esta não é a primeira vez que se dedica à docência, tendo já leccionado na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, bem como em cursos promovidos pela Câmara Municipal de Lisboa, pela Quercus, pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa e pelo Centro Nacional de Cultura.

O seu conhecimento, derivado do permanente contacto com a natureza e da sua formação, tem-lhe também permitido a possibilidade de ser guia em algumas visitas de campo, como a “Visita ao Parque Natural de Monsanto” e a “Visita ao Baixo Sado e Sudoeste Alentejano”.

Após a licenciatura exerceu o cargo de representante das “Organizações de Conservação da Natureza no Concelho Cinegético Concelhio e da Conservação da Fauna e da Flora” do concelho de Évora e foi membro da Direcção Nacional da “Liga para a Protecção da Natureza”.

Já na década de 90, entre 1992 e 1994, foi membro da Direcção da APAP – Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas.

1.3_PROJECTOS REALIZADOS

Entre os inúmeros trabalhos realizados por este Arquitecto Paisagista e pela sua equipa de trabalho, listamos apenas alguns que nos mereceram particular interesse:

Concepção de Espaços Exteriores e Valorização da Paisagem:

- Integração Paisagística do Golfe de Palmares
- Parque do Montado e Integração Paisagística dos Campos de Golfe da Herdade de Rio Frio
- Projecto de arranjos exteriores para o Empreendimento Vila Verde – Porto Sol Resort, Murdeira, Cabo Verde
- Projecto de arranjos exteriores para o Empreendimento Sheraton Porto, Hotel & SPA, Porto
- Projecto de execução do Rossio de Leiria da Intervenção do Programa Polis
- Projecto de execução de Valorização Paisagística dos Acessos à EXPO 98

Estudos de Impacte Ambiental ou Componente biofísica, paisagística e patrimonial para Estudos de Impacte Ambiental:

- Estudo de Impacte Ambiental do Passeio do Atlântico, S. Miguel, Açores
- Amplificação das Pedreiras n.º 4078 e n.º 4504, Faro
- Barragem Hidroagrícola da Herdade de Farrobo, Reguengos de Monsaraz
- Areeiro da CIMPOR, Camarnal, OTA
- Estudos Paisagísticos para a escolha do corredor do novo atravessamento do Tejo, Lisboa

Planeamento Biofísico e Ordenamento do Território ou Coordenação e Elaboração de Estudos Biofísicos e Paisagísticos para:

- Esquemas regionais de Santiago, Fogo e Santo Antão, Cabo Verde
- Plano de Ordenamento da Albufeira da Cova do Viriato, Covilhã
- Plano de Ordenamento de Parque Natural do Douro Internacional
- Revisão do PDM de Ponte de Sôr
- Plano de Ordenamento da Orla Costeira de Sintra, Sado

Propostas para delimitações de Reserva Ecológica Nacional (REN) e Propostas de Ordenamento para os PDM:

- Plano Director Municipal do Sal, Cabo Verde
- Plano Director Municipal do Alandroal
- Plano Director Municipal do Funchal

Planeamento Biofísico e de Espaços Verdes para os Planos de Urbanização e de Pormenor:

- Plano de Pormenor de Rio Frio, Palmela
- Plano de Pormenor do Vimieiro
- Plano de Pormenor das Termas de Monfortinho

Planos e Estrutura Verde Municipal:

- Plano Municipal de Estrutura Verde Urbana e Periurbana de Portimão
- Plano Director de Espaços Verdes Urbanos do Concelho de Gaia
- Plano Director de Espaços Verdes Urbanos do Concelho de Cascais
- Plano Director de Espaços Verdes Urbanos do Concelho de Sintra
- Plano Director de Espaços Verdes Urbanos do Concelho da Amadora

Outros:

- Coordenação dos Estudos Ambientais e Paisagísticos para o Estudo de Localização do Novo Aeroporto de Lisboa
- Projecto de Execução de Espaços Exteriores da Assembleia Municipal de Lisboa
- Plano de Recuperação Paisagística da Pedreira da Chainça, Alcanede
- Estudo Paisagístico e Proposta para Zonamento para o PGU de Sesmarias, Melides
- Projecto de Activação e Valorização Biofísica da Herdade da Fonte Santa, Alandroal

1.4_PRÉMIOS E PUBLICAÇÕES

No seu já vasto percurso de vida, foi reconhecido com dois prémios atribuídos a dois trabalhos distintos.

Em 1987 ganhou o 1º Prémio de “ Conservação da Natureza e do Património Histórico-Cultural” na categoria de “Conservação Urbanística” com o trabalho “Recuperação de Pedreira em Estremoz” e em 2004 ganhou o 1º Prémio de Excelência em Recuperação e Requalificação Ambiental com o Projecto “Regeneração do Sistema Hídrico do Sapal de Venta Moinhos”.

1.5_INFLUÊNCIAS

Assume que não se insere em qualquer corrente artística definida, resumindo que considera como a sua corrente artística a definição que o Arquitecto Paisagista Caldeira Cabral¹ deu para a Arquitectura Paisagista:

“(...) é a arte e a ciência de ordenar o espaço exterior em relação ao Homem (...) é, do que há de arte em criar um espaço, que do ponto de vista cultural, emocional nos diga qualquer coisa e nos traga coisas mais interessantes do que estava previamente, ou se resolvemos o problema”.

¹ 1º Arquitecto Paisagista em Portugal, que concluiu a Licenciatura em Arquitectura Paisagista na Alemanha. Caldeira Cabral iniciou a sua actividade docente no ISA, onde em 1940 fundou o primeiro Curso Livre e gratuito de Arquitectura Paisagista. Daqui nasceram grandes nomes, alguns bem conhecidos da comunicação social, como Gonçalo Ribeiro Telles e Viana Barreto. A ele, devemos a grande mudança da política da paisagem em Portugal, os grandes profissionais e obras portuguesas da Arquitectura Paisagista e o estatuto desta profissão, cada vez mais influente e enraizada na vida do nosso país.

1.7_PROJECTO DE CARÁCTER PRIVADO – JARDIM DO HOTEL SHERATON



Figura 1.5 – Imagem aérea do Jardim do Hotel Sheraton (Porto)
[Fonte: Virtual Earth]

1.7.1_LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O **Sheraton Porto Hotel & SPA** é uma unidade hoteleira de 5 estrelas e situa-se na cidade do Porto, inserindo-se numa envolvente de carácter acentuadamente urbano e tendo sido construído sobre terrenos de uma antiga quinta de produção agrícola. A sua localização junto a uma das principais artérias da cidade do Porto – a Avenida da Boavista – na confluência entre a Rua Pedro Hispano e a Rua Tenente Valadim, associada à proximidade com o Estádio do Bessa (figura 1.6), confere-lhe uma posição de destaque e de visibilidade a partir de vários pontos em redor e aumenta a responsabilidade acerca do impacte visual e ambiental que produz naquela parte da cidade.



Figura 1.6 – Localização do Jardim do Hotel Sheraton (Porto)
[Fonte: Google Earth]

Aquando da construção do hotel, foi aberto concurso para o projecto de arranjos exteriores.

O Arquitecto Paisagista Jorge Cancela, na figura da *Biodesign* (empresa da qual é sócio-gerente) decidiu concorrer à obra (em 2002), tendo saído vencedor do concurso. Estavam decorridas as fases de análise e conceptualização do espaço e em 2004 foi dado início à fase de execução.

O Jardim do Sheraton Porto Hotel & SPA, embora seja de carácter privado, é um espaço de fruição pública – na medida em que é utilizado pelos clientes da unidade – que conta com uma área de aproximadamente 4000m², distribuídos em redor do edifício.

1.7.2_CONCEITO ASSOCIADO À CONCEPÇÃO

A criação de espaços verdes ou de passeio, por menores que sejam as dimensões que estes apresentem, assume uma relevância no conforto de cada espaço – o sentimento de abertura e/ou de intimidade atribuído pelo contacto com uma área verde na envolvente de uma edificação.

A utilização de espaços exteriores encontra-se geralmente associada a momentos de lazer e descontração. A vivência destes espaços está ligada a um sentimento pontual de liberdade espacial, contrário à vivência urbana, onde a limitação do espaço é uma constante, com a definição de muros, paredes, portas de acesso, entradas e saídas.

Dado o carácter particular deste espaço, pretendia-se que o jardim a construir fosse – para além de um **jardim de enquadramento** ao próprio edifício – uma **zona de estadia** para os hóspedes que por lá passam, numa perspectiva de **recreio passivo**. O jardim deveria criar um ambiente intimista e reservado dos olhares alheios, bem no meio de uma cidade movimentada como é o Porto...

Por outro lado, havia a necessidade de conceber um espaço de **reduzida manutenção**, não só por motivos financeiros, mas também pela dificuldade na compatibilização da presença de hóspedes e jardineiros (e equipamento) no mesmo espaço, nos mesmos períodos de tempo.

Nota: O Plano de Execução deste projecto pode ser consultado na sua íntegra no anexo III deste trabalho.

1.7.3_DESCRIZAÇÃO DO PROJECTO

Numa tentativa de corresponder aos pressupostos e necessidades impostas pelo cliente e pelo próprio espaço, este foi dividido em duas macro zonas de intenções distintas.

Uma das zonas estaria associada a intenções livres, passeio mais informal e recreio passivo – Zona de Estadia – e a outra surgia cheia de condicionantes e intenções mais formais, devidas à proximidade ao edifício e às funções adjacentes – Zona da Rampa e Alinhamento de árvores.

Na fase de concepção do espaço, os projectistas levaram em linha de conta alguns dos problemas ambientais que uma obra destas características poderia infligir na zona em causa. Assim, foram sugeridas algumas medidas que contribuem para uma gestão ambiental racional de espaços verdes privados desta natureza.

Destaca-se o uso de vegetação autóctone adaptada a condições de maior secura do solo, com menores necessidades hídricas, reflectido no regime de rega a adoptar. Esta opção permite a redução dos períodos de rega e também dos consumos hídricos e de nutrientes. Pretendeu-se que o leque de espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas sobre a qual recaiu a escolha estivesse, de um modo geral, bem adaptado às condições edafo-climáticas locais.

As pré-existências vegetais incluíam alguns Carvalhos de grande porte e elevada qualidade estética e histórica (figuras 1.7 e 1.8), remanescentes do passado agrícola deste local, que Jorge Cancela optou por preservar, dando uma imagem de grandiosidade ao jardim na altura da sua instalação com a vantagem de, ao contrário da maioria dos jardins, o espaço atingir de imediato o aspecto final (ou quase).

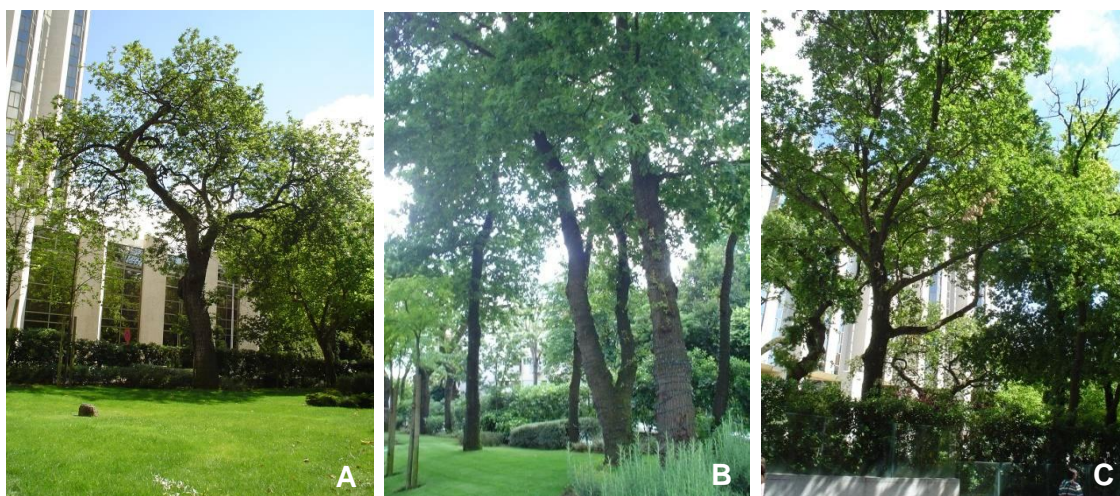


Figura 1.7 – Carvalhos pré-existentes
[Fonte: os autores, 2008]



Figura 1.8 – Faixa de carvalhos pré-existent, que delimita a zona do jardim
[Fonte: os autores, 2008]

Seguindo a mesma perspectiva ambiental, durante as obras de implementação do jardim, foram salvaguardados os solos de qualidade existentes no local da intervenção (posteriormente melhorados por introdução de adubos orgânicos), em oposição à importação pura e simples de terra vegetal proveniente de outros locais, onde a sua remoção poderia inclusivamente causar impactes ambientais significativos.

Foi estudado e conceptualizado um desenho micro climático, de forma a maximizar todo o potencial das espécies vegetais e das estruturas construídas, contribuindo assim para a redução dos consumos energéticos de refrigeração estival e aquecimento invernal. Sempre que tal fosse exequível, foi ainda proposto o uso de energias alternativas e de elementos de reduzidos consumos energéticos, bem como de materiais reciclados em pavimentos, equipamentos e mobiliário de exterior.

Por fim, mas não menos importante, pretendeu-se que o desenho desenvolvido apresentasse características anti-vandalismo, nomeadamente ao nível do mobiliário, equipamento e iluminação.

Numa fase posterior, e já durante a execução do projecto, a modelação foi executada levando em conta alguns aspectos essenciais. Destaca-se o cuidado na movimentação e remoção de terras, associado à atribuição de um declive mínimo de 1% a toda a zona intervencionada, para drenagem das águas pluviais.

A modelação foi projectada no sentido de reduzir ao mínimo possível os volumes de aterro e escavação, respeitando sempre as cotas de implantação do material vegetal e

tentando que estas se aproximassem o mais possível das cotas originais. De referir que a cota máxima do jardim é encontrada na zona adjacente ao edifício.

Esta modelação confere ao espaço uma grande continuidade, amenizando a presença de um eixo central que une a principal entrada do edifício com a saída do recinto do hotel. A modelação entre os patamares de estadia confere a esse eixo uma leitura de ligação entre plataformas.

Na página seguinte é apresentado um Plano Geral do projecto, para facilitar a análise dos espaços concebidos.

Através dessa análise, é perceptível a demarcação das duas zonas em estudo:

- **Zona de Estadia**

A entrada para este espaço é feita através de um portão (figura 1.9), adjacente ao qual podemos encontrar uma praça de recepção (figura 1.10), bem iluminada com focos encastrados e dispostos regularmente no pavimento. Essa iluminação destaca a forma regular e angular do limite, ao mesmo tempo que demarca com precisão a própria entrada.



Figura 1.9 – Portão de entrada para o jardim
[Fonte: os autores, 2008]



Figura1.10 – Praça de recepção para o jardim
[Fonte: os autores, 2008]

O caminho que estabelece a ligação entre a praça de recepção e as áreas de estadia é ladeado por vegetação arbórea de grande porte, algumas arbustivas e o solo é totalmente revestido por relvado (figura 1.11).



Figura 1.11– Percurso de acesso às zonas de estadia
[Fonte: os autores, 2008]

As zonas de estadia têm uma forma quadrangular e são totalmente impermeabilizadas. Este artificialismo de linhas rectas e formas perfeitas contrasta com o carácter ambiental e orgânico simbolizado pela presença forte de material vegetal em toda a área. Estas plataformas criam zonas de intimidade, numa infraestrutura tão pouco privada como um hotel (figura 1.12).



Figura 1.12 – Zona de estadia, pavimentada
[Fonte: os autores, 2008]

A vegetação escolhida para esta zona pertence, na sua maioria à flora local. Apresenta grande diversidade em parâmetros como o porte, a coloração da folha e da flor e a época de floração, tentando assim criar um espaço dinâmico. A presença de espécies de forte coloração ou com forma específica acrescenta elegância, sofisticação, bem como um carácter introspectivo ao espaço, justificado pela apresentação artificial de tais combinações. Surgem pequenas plantações de diferentes tipos de espécies ao longo do percurso de acesso, de forma a poder apresentar um jardim sempre florido, alternando pelas diferentes espécies em função das suas diferentes épocas de floração (figura 1.13).



Figura 1.13 – Diversidade das espécies vegetais existentes
[Fonte: os autores, 2008]

O Hotel comunica com o exterior, e com este jardim em particular, através de duas plataformas em *deck* de madeira. Estas plataformas de material mais rústico são zonas de passagem e exercem a separação entre a área reservada à hotelaria propriamente dita e a área verde.

O *deck* localizado mais a norte funciona como esplanada, onde se pode desfrutar de uma amplitude visual para todo o jardim.

O *deck* mais a sul tinha sido projectado inicialmente como zona de transição. Posteriormente, esta zona passou a exercer outras funções que vão desde a passagem à estadia, dado que funciona igualmente como zona de esplanada (figura 1.14).



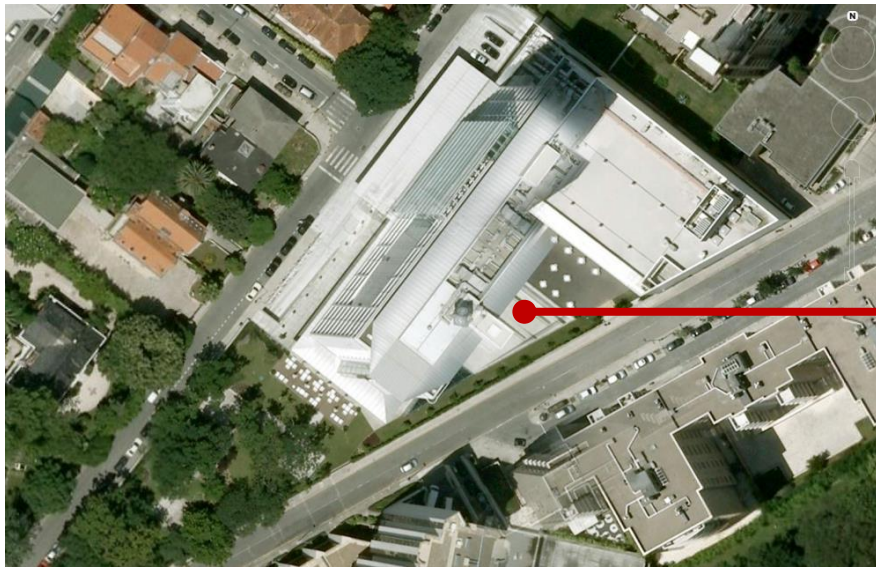
Figura 1.14 – Perspectivas da esplanada instalada no *deck* virado a sul
[Fonte: os autores, 2008]

- **Zona da Rampa e Alinhamento de árvores**

Virada a sul, esta é uma zona altamente limitada pela envolvimento imediata ao edifício (figura 1.15).

Este espaço apresenta em grande parte, uma intenção contemplativa de quem circula no interior do edifício transparente para o exterior, em toda a linha envolvente do primeiro piso. Assim, é possível desfrutar da vista para um espaço verde quando se circula no interior do edifício, querendo proporcionar uma sensação de frescura e liberdade e transportando o jardim para o interior (ou ampliando os interiores para o jardim...).

As opções de projecto assumem-se aqui como linhas de carácter mais artificial e formal, comuns a todas as zonas próximas da edificação.



Rampa
ajardinada

Figura 1.15 – Localização da rampa ajardinada, no contexto global
[Fonte: Google Earth]

Dadas as características da arquitectura do edifício, que se desenvolveu no sentido de criar um piso abaixo do nível do solo (sala de jantar) com abertura visual para o exterior, encimado por uma esplanada, foi necessário criar um espaço não de recreio mas sim – e como já foi referido – de contemplação.

Por este motivo foi criado um “Rock Garden” em forma de rampa (figura 1.16 A), com plantação de herbáceas. No topo desta rampa existe uma estrutura em vidro (figura figura 1.16 B), na qual é possível observar um pequeno jardim de plantas de interior. A intenção é a de que os hóspedes do hotel possam usufruir de uma vista agradável enquanto tomam as suas refeições.



Figura 1.16 – Localização da rampa ajardinada, no contexto global
[Fonte: os autores, 2008]



Adjacente à rampa anteriormente descrita, foi proposto um alinhamento arbóreo que exerceria uma barreira vegetal para com o arruamento, que se apresenta acima da cota nível do edifício, na zona mais a Este (figura 1.17).

O alinhamento deveria ser composto por *Acer platanoides*. Sob este alinhamento foi ainda projectado um alinhamento de bancos, criando pontos de estadia sob coberto arbóreo.

Na actualidade, toda a proposta para a zona está um pouco modificada.

Figura 1.17 – Alinhamento de *Magnolia grandiflora*
[Fonte: os autores, 2008]

Encontramos o alinhamento de árvores, mas a espécie passou a ser a *Magnolia grandiflora*, existindo ainda uma barreira arbustiva de *Pittosporum tobira* entre as árvores e a rua, no limite do relvado. Parece-nos que esta mudança de espécie para a composição da linha de árvores se tenha devido ao facto da espécie inicialmente proposta ser caducifólia, o que implicaria uma maior exigência ao nível da limpeza na zona pavimentada adjacente. Com a *Magnolia grandiflora*, esse problema não se verifica, uma vez que se trata de uma espécie perenifólia.

Na fachada nordeste do edifício existe um elemento de água, que transmite frescura e um som harmonioso a todo o espaço (figura 1.18). Paralelo a este elemento mas no interior do hotel, separado por vidros, apercebemo-nos da existência de uma qualquer zona verde, à qual não foi possível aceder.



Figura 1.18 – Elemento de água
[Fonte: os autores, 2008]

Em redor do edifício pudemos ainda constatar a existência de um portão que raramente é utilizada pelos serviços do hotel, com função de cargas e descargas de algum material ou elemento necessário ao seu interior. Este é também, e principalmente, um portão de segurança (figura 1.19). Por este motivo e para poder cumprir a legislação nacional, é necessária a existência de um acesso que permita a aproximação de carros de emergência (principalmente bombeiros) junto ao edifício.

Este portão é de ferro e tem um sistema de abertura automática ou manual. Dada a sua reduzida utilização, o Arq. Jorge Cancela optou por não lhe dar grande relevância, nomeadamente não criar um pavimento que o fizesse sobressair, passando pois completamente despercebido. Para tal contribui o facto de se encontrar entre a barreira arbustiva e do próprio relvado se estender até ao seu limite.



Figura 1.19 – Portão de segurança
[Fonte: os autores, 2008]

1.7.4_VEGETAÇÃO

Ao nível da vegetação, foi já referido que a escolha recaiu – sempre que possível – sobre espécies da flora local ou tradicionais da paisagem regional.

Passamos a enumerar, devidamente agrupadas por estratos, as espécies escolhidas.

Estrato arbóreo – folhosas:

- *Acer negundo* “Argenteo variegatum”
- *Acer palmatum* “Atropurpureum”

- *Acer platanoides* “Drummondii”
- *Acer platanoides* “Crimson King”
- *Cryptomeria japonica* “Bandais Sungii”
- *Eucaliptus gunni*
- *Ginkgo biloba*
- *Gleditsia triacanthus*
- *Liriodendron tulipifera*
- *Prunus cerasifera* “Pissardi”
- *Prunus persica* “Cardinal”
- *Quercus palustris*
- *Quercus ilex*
- *Quercus rubra*
- *Robinia pseudoacacia* “Monophylla”
- *Tilia cordata*

Estrato arbóreo – resinosas:

- *Juniperus horizontalis* “Glaucia”
- *Juniperus chinensis* “Pfitzeriana Aurea”
- *Picea pungens* “Glaucia globosa”
- *Pinus mugo*

Herbáceas (geral):

- *Azalea mollis*
- *Berberis darwinii*
- *Berberis thunbergii* “Atropurpurea”
- *Berberis x stenophylla*
- *Colleonema album*
- *Calluna vulgaris*
- *Cornus kousa*
- *Corylus maxima* “Purpurea”
- *Cotoneaster horizontalis* “Variegatus”
- *Cytisus x praecox* “Al gold”
- *Cytisus scoparius* “Palette”
- *Eleagnus pungens* “Maculata Aurea”
- *Hydrangea hortensis* “Blue Bird”
- *Ilex aquifolium*

- *Lavandula angustifolia*
- *Pittosporum tobira*
- *Pyracantha* “Orange glow”
- *Rosmarinus officinalis*
- *Teucrium fruticans*
- *Thymus vulgaris*
- *Viburnum plicatum* “Marnesis”

Herbáceas com altura mínima de 30 cm:

- *Artemisia spp.*
- *Aucuba japonica*
- *Dianthus gratianopolitanus*
- *Erica carnea*
- *Erigeron karwinskianus*
- *Festuca glauca*
- *Sedum spectabile*

Herbáceas (rock garden):

- *Alyssum saxatile*
- *Armeria maritima*
- *Artemisia spp.*
- *Campanula portenschlagiana*
- *Dianthus deltoides*
- *Erigeron karwinskianus*
- *Festuca glauca*
- *Hosta spp.*
- *Iberis sempervirens*
- *Miscanthus japonicus*
- *Nepeta mussini*
- *Saponaria ocymoides*
- *Sedum spectabile*
- *Sedum acre*
- *Sempervivum tectorum*
- *Stachys lanata*
- *Veronica spicata*

Sementeira para relvado:

- *Festuca arundinacea*
- *Lolium perenne*
- *Poa pratensis*

1.7.5_MATERIAIS

À semelhança do que foi feito para a vegetação, ao nível dos materiais Jorge Cancela optou por materiais da região, quer para os pavimentos, quer para os muros.

Os pavimentos implantados utilizam em grande parte a pedra local, nomeadamente a laje de granito de variadas dimensões e os blocos de granito com diferentes acabamentos (figura 1.20 A). Esta opção é válida também no que toca ao revestimento dos muros e muretes construídos (figura 1.20 B).

No espaço verde exposto a su-sudoeste foram utilizados blocos de granito de menores dimensões, bem como lajes de granito, com os quais se desenharam caminhos regulares, interrompendo um relvado contínuo. A gravilha de granito serviu como material de remate entre os caminhos e os relvados.

A ligação entre o *deck* de madeira e a praça de entrada, passando pelas duas zonas de estadia (pavimentadas com blocos de granito) é feita por caminhos lajeados de granito.

A estereotomia do *deck* mais a sul está orientada de acordo com o alinhamento de magnólias.



Figura 1.20 – Pormenor dos muros lajeados a granito (A) e do pavimento (B)
[Fonte: os autores, 2008]

Na zona do *rock garden*, o pavimento escolhido foi o lajeado de granito. A escala do pavimento permite integrar o espaço com a escala do edifício, ao mesmo tempo que se interliga com as intenções mais artificializadas previstas para esta zona.

1.7.6_EQUIPAMENTOS

No que toca aos equipamentos, debruçar-nos-emos apenas sobre a iluminação e sobre o mobiliário urbano.

- Iluminação

A iluminação num espaço desta natureza é um factor de destaque. Isso porque os edifícios com este fim “nunca dormem”, ou seja, existem sempre clientes quer de dia quer de noite. É necessário oferecer-lhes um cartão de visita de acordo com o *glamour* que estes espaços proporcionam. Por esta razão, e se para os clientes diurnos existe toda a composição vegetal, para os clientes nocturnos essa composição vegetal terá de ser complementada com iluminação. A iluminação em toda a área exterior do hotel baseia-se essencialmente em pontos de luz de pavimento, de iluminação dos troncos das árvores ou de muro. Pretendeu-se com a iluminação criar pontos de estadia agradável, íntimos e que garantam ao mesmo tempo as condições mínimas de segurança.

Foram instalados três tipos de aparelhos de iluminação, que proporcionam a iluminação e efeitos pretendidos na vegetação, elemento de água, esculturas, caminhos pedonais, entre outros.

A iluminação ao longo dos percursos pedonais é garantida por candeeiros encastrados no pavimento (de forma circular), enquanto ao longo dos muretes foram instalados candeeiros de encastrar no muro (régua de iluminação).

Para a iluminação da vegetação estava prevista a instalação, sob as árvores seleccionadas, de pontos de luz com a intenção de iluminar as copas dessas árvores. Esta intenção foi entretanto substituída por fitas de pequenas luzes enroladas nos troncos das árvores, de maneira a dar-lhes forma e visibilidade durante a noite.

Na figura 1.21 estão patentes os diferentes tipos de iluminação.



Figura 1.21 – Pormenores da iluminação do espaço

- A_ Iluminária encastrada no chão (focos) [Fonte: os autores, 2008]
B_ Iluminária encastrada nos muros (réguas) [Fonte: os autores, 2008]
C_ Fitas de luzes enroladas nos troncos das árvores [Fonte: os autores, 2008]
D_ Efeito da iluminação durante a noite [Fonte: <http://www.sheratonporto.com>]

• Mobiliário Urbano

No projecto inicial estava prevista a aquisição de mobiliário composto por elementos que pretendiam criar uma imagem muito coerente com toda a envolvência – sóbria e discreta – apesar de ter havido uma divisão intencional do espaço em duas zonas distintas.

O tipo de mobiliário seria comum e consistiria em bancos de madeira sem costas, com uma linearidade muito marcada. Também as papeleiras seriam muito discretas e coerentes com a imagem dos bancos.

Apesar de todos estes equipamentos estarem previstos no projecto de execução apresentado pela *Biodesign*, a verdade é que não encontramos no espaço nenhum desses elementos. Talvez porque se tenham deteriorado ou porque tenham sido retirados devido ao uso reduzido ou talvez por qualquer outra razão eles não tenham

nunca lá existido.

1.7.7_OUTROS

- Rega

Em toda a rega do jardim são utilizados sistemas automáticos. Existem dois tipos de rega: a rega por pulverização e a rega gota-a-gota (figura 1.22).

A rega por pulverização é mais utilizada nas zonas de relvado enquanto a rega gota-a-gota está instalada nos locais onde existe estrato arbustivo.



Figura 1.22 – Pormenores dos sistemas de rega

A_ Pulverizadores [Fonte: os autores, 2008]
B e C_ Tubo de rega gota-a-gota [Fonte: os autores, 2008]

- Outros aspectos

Existem hoje em dia no jardim elementos que não constavam do projecto inicial e que foram decididos durante ou depois da obra.

É possível verificar que para além do estrato arbustivo (*Pittosporum tobira*), existe uma outra separação física entre o jardim e a rua. O acrílico foi o material utilizado para criar esta barreira. Supomos que esta barreira tenha sido colocada no início da obra, visto que a barreira arbustiva não é um material inerte e precisa do seu tempo de crescimento até atingir o porte e altura desejados. Depois de atingida a altura e porte necessários, talvez os responsáveis da manutenção do jardim tenham verificado que a sebe e o acrílico poderiam coexistir em consonância, acabando por oferecer maior segurança ao próprio jardim. Além disso, o acrílico ajuda a minimizar o ruído proveniente da rua, tornando o jardim mais apazível.

1.7.8_CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de estudado todo o projecto e visitado o jardim do hotel, retiramos as conclusões que se seguem.

Percebe-se perfeitamente que a metodologia do projectista é tentar isolar o jardim do cariz urbano existente em volta. Para isso, e a nosso ver muito bem, salvaguarda os grandiosos carvalhos já existentes no local, elementos preponderantes nessa filosofia. A nível de topografia nota-se que existem zonas que poderiam ter sido melhoradas, pois para evitar ligeiros deslizamentos de terras foram utilizadas pequenas vedações de estacas em madeira. Acontece que este é um material rústico que acaba por não combinar com todo o modernismo que foi incutido no jardim (figura 1.23).



Figura 1.23 – Remates com vedações de estacas de madeira
[Fonte: os autores, 2008]

Uma das primeiras coisas que se nota quando se passa pelo caminho principal do jardim, é a existência de caixas de rega implantadas no meio do relvado (figura 1.24). Talvez tivesse sido melhor opção tentar escondê-las debaixo dos arbustos ou mesmo debaixo da gravilha existente.



Figura 1.24 – Caixas de rega no meio do relvado
[Fonte: os autores, 2008]

Sendo este um jardim praticamente de sombra, devido em parte aos grandes carvalhos existentes, a escolha do estrato arbustivo poderia ter recaído noutras espécies, talvez melhor adaptadas a zonas de sombra e maior humidade (figura 1.25).



Figura 1.25 – Plantas pouco adaptadas às condições do meio
[Fonte: os autores, 2008]

A ideia de criar uma cascata juntamente com um *rock garden* talvez não tenha sido a melhor opção para o local, pois reparou-se que o que lá existe hoje pouco tem a ver com o projecto inicial. Esta cascata apresentaria quebras de pequena altura que originariam o som do escoamento natural da água, mas nunca funcionou no local. De lamentar ainda a existência de saídas dos aparelhos de ar condicionado mesmo junto à esplanada por cima do *rock garden*..

1.8_PARQUE PÚBLICO DA CIDADE DE LEIRIA

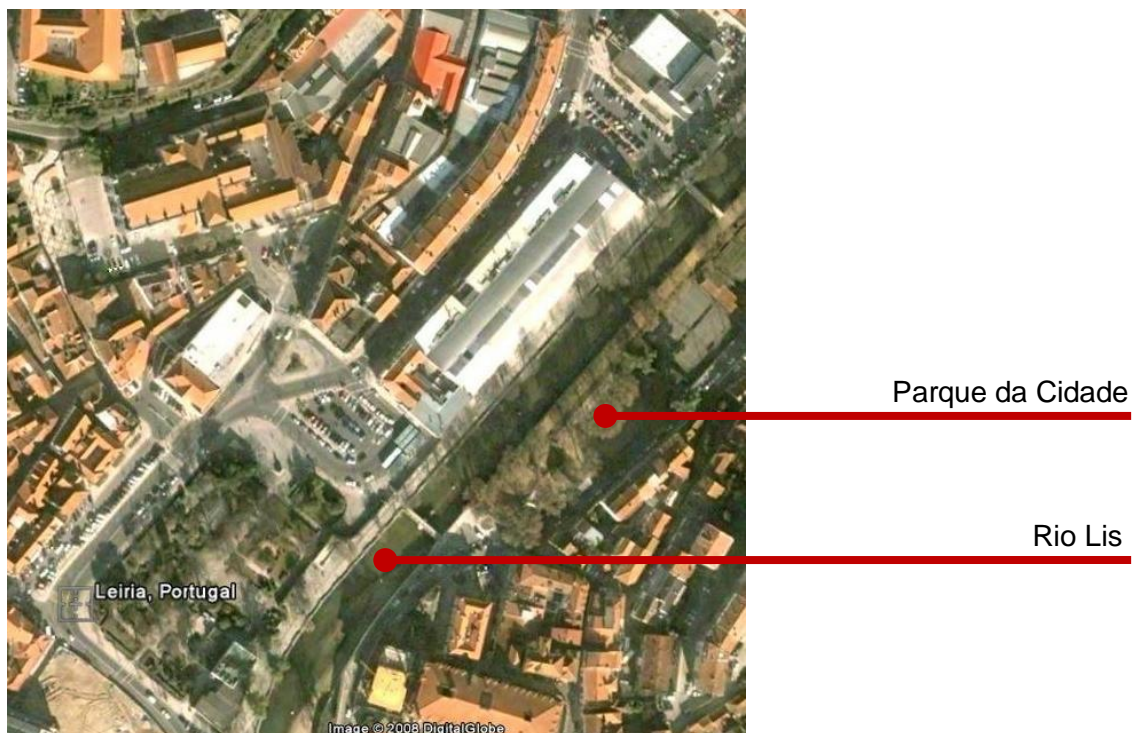


Figura 1.26 – Parque da Cidade de Leiria, junto ao Rio Lis
[Fonte: Google Earth]

1.8.1_LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente projecto situa-se na cidade de Leiria, no âmbito do programa Polis (consultar regulamentação_Conceitos Gerais do Programa Polis, no anexo IV) e diz respeito à reformulação do Parque da Cidade através do referido programa.

O concelho de Leiria fica inserido na região centro do nosso país e acolhe cerca de 120mil habitantes, apresentando uma densidade habitacional de 210 habitantes/km². Confronta com os concelhos de Pombal, Ourém, Batalha, Porto de Mós e Marinha Grande, sendo banhado a Oeste pelo Oceano Atlântico. Fica a uma distância de 146 km de Lisboa e 72 km de Coimbra, sendo esta localização central um dos principais elementos que beneficia o seu desenvolvimento.

Tal como muitas outras cidades a nível nacional, foi contemplada no Programa Polis para o desenvolvimento e recuperação de algumas áreas e infra-estruturas.

A intervenção do Polis abrange uma área bastante vasta, cerca de 125 hectares, englobando as margens e a envolvente adjacente do Rio Lis, assim como o centro histórico da cidade. O projecto em estudo refere-se à intervenção da designada Zona

4 do programa (figura 1.27), zona essa com uma situação geográfica de características muito particulares, com o Rio Lis como elemento fulcral de toda a composição



Figura 1.27 – Plano Geral da zona 4 do Programa Polis em Leiria
[Fonte: *Biodesign*]

1.8.2_OBJECTIVO

Este projecto está inserido no “Plano de Pormenor de Leiria Centro – PP3”, que por sua vez se insere num conjunto de três planos elaborados no âmbito do programa Polis, designados “Planos de Pormenor do Plano de Valorização e Requalificação do Sistema Rio”, que procuram a **requalificação urbana de diferentes espaços públicos**.

Esta requalificação, datada de 2004, teve como objectivo a criação de algumas praças e pracetas na zona envolvente e imediatamente adjacente ao leito do Rio Lis, na sua margem esquerda, e **proporcionar a vivência da frente ribeirinha do Rio, de maneira a devolvê-lo à cidade**, com a criação de percursos pedonais, ciclovias e de zonas verdes de recreio e lazer.

Toda a zona 4 (área de intervenção do presente projecto) constitui uma área fundamental para o cumprimento das intenções de **valorização e requalificação do “Sistema Rio”**. Tal foi assegurado com a criação de percursos pedonais que estabelecem a ligação quer com o topo do Marachão (figura 1.28), ao longo da margem esquerda, quer com o Parque da Cidade, que engloba a área do antigo Jardim Público Central - Jardim Tenente Coronel Jaime Filipe da Fonseca – e a área envolvente à Fonte Quente a norte, privilegiando a relação cidade/rio, uma vez que se desenvolve ao longo do seu curso natural.



Figura 1.28 – Zona do Marachão
[Fonte: os autores, 2008]

1.8.3_CONCEPÇÃO

Esta intervenção teve como principal preocupação a criação de espaços verdes interligados, assente numa concepção que visa a valorização ambiental. Todos estes espaços foram pensados para que a sua utilização privilegiasse os aspectos lúdicos e recreativos.

Assim, existem diferentes tipologias de espaços, de forma a serem usufruídos pelos diferentes escalões etários da população e durante qualquer altura do ano, com uma atracção renovada no equipamento público urbano de recreio e lazer.

A intenção inicial era a de que o Parque da Cidade de Leiria deveria funcionar como um contributo para a gestão ambiental dos espaços verdes públicos, motivo pelo qual se optou pela introdução de vegetação adaptada a condições de maior *stress* hídrico.

As espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas deveriam ser provenientes da flora autóctone, reduzindo assim as necessidades de rega e permitindo que essa fosse feita de forma localizada com água bombeada do rio, respeitando-se assim o Plano de Pormenor.

Nota: O Plano de Execução deste projecto pode ser consultado na sua íntegra no anexo V deste trabalho.

Foi também evitada a introdução de solo vegetal proveniente de outros locais, havendo apenas a necessidade de melhorar o solo existente através da incorporação de adubos orgânicos.

Foram utilizados, sempre que possível, materiais reciclados (ao nível dos pavimentos, equipamentos e mobiliário de exterior), conseguindo-se uma redução de custos e de recursos.

1.8.4_DESCRIPÇÃO DO PROJECTO

No início da fase de projecto a área de trabalho foi dividida em diferentes acções, que se associaram em dois grupos:

- **GRUPO A**

Espaço Público e Infra-estruturas

- Requalificação Urbana da Rua da Comissão da Iniciativa
- Ligações Pedonais ao Topo do Marachão
- Percurso Marginal Pedonal/Ciclovia
- Reformulação do Jardim Tenente Coronel Jaime Filipe da Fonseca – Parque da Cidade
- Praça de Entrada no Parque da Cidade, Largo Camilo Castelo Branco
- Requalificação do Espaço Público na Zona do SLAT
- Requalificação do Espaço Público no Largo do Hospital Velho
- Cais Flutuante

- **GRUPO B**

Novas Construções

- Construção de dois edifícios de apoio ao Jardim Tenente-Coronel Jaime Filipe da Fonseca – Parque da Cidade
- Demolição do edifício exterior e recuperação da construção da mina – Fonte Quente

Aquando da execução desta intervenção houve necessidade de demolir alguns edifícios e recuperar e valorizar outros. O telheiro da Fonte Quente foi demolido, assim como a casa de serviço junto ao muro, actualmente esta zona encontra-se ainda em construção.

O tanque da Fonte Quente foi valorizado com uma limpeza do fundo e com a reformulação dos elementos de admissão e drenagem de águas. Esta intervenção também conseguiu a valorização dos elementos construídos, onde podemos ver um muro reconstruído – o muro inferior da delimitação do talude, em alvenaria de pedra calcária não aparelhada.

Também foram recuperados os muros envolventes ao tanque e a mina. Esta recuperação foi feita quer no seu interior, quer no seu exterior, mas sempre com a preocupação de manter a aparência original. A obra envolveu problemas estruturais, de cobertura, de pavimentos, serralharia e poiais exteriores.

Antes da intervenção, o Parque da Cidade apresentava vários fragmentos de utilizações desportivas, de recreio e de lazer, com a presença de alguns espaços verdes, assimétricos do ponto de vista físico e funcional.

Assim, para o Parque da Cidade – Jardim Tenente Coronel Jaime Filipe da Fonseca, a intervenção foi feita com o objectivo de reformulação física e funcional de todo o espaço.

Com esta intervenção foi possível obter uma promoção da relação entre o Rio e a Cidade, que foi ainda reforçada pela intervenção na Rua da Comissão da Iniciativa, na qual é possível verificar a existência de passeios pedonais que permitem uma eficaz ligação funcional e vivencial com o Parque.

Como já existiam espaços de recreio e lazer nesta zona, o objectivo não foi eliminar a totalidade desses espaços – apesar de se encontrarem fragmentados – mas sim reestruturar aqueles cuja continuidade estava prevista no Programa Polis, sem nunca apagar da memória dos seus utilizadores o seu significado. Estes espaços inseridos foram inseridos de uma forma coerente nos objectivos da intervenção.

No caso do parque infantil e do campo de jogos, uma vez que a localização era menos adequada e o seu estado de degradação era evidente, houve uma alteração de posicionamento e uma remodelação estrutural e funcional.

Existe ainda um campo de ténis em avançado estado de degradação (figura 1.29), cuja retirada se prevê para uma segunda fase do projecto, dando lugar a outros usos de elevada importância no espaço exterior.



Figura 1.29 – Campo de ténis existente, totalmente degradado
[Fonte: os autores, 2008]

Todo o conceito do projecto se focalizou e orientou na linha de água, uma vez que esta se apresentou estruturante em toda a intervenção, sendo o elemento fundamental de todo o Parque.

Este parque é constituído por **três núcleos principais**, que mais não são que praças interligadas por uma rede de percursos que acompanham a linha de água.



A praça de entrada teve como principais referências a escultura projectada pelo Arq. Cassiano Branco (figura 1.30) – figura dominante na arquitectura modernista portuguesa e autor de obras da época do Estado Novo como o “Portugal dos Pequeninos” – e a peça escultórica “A Caminho do Mercado” (figura 1.31), da autoria de Anjos Teixeira (Filho).

Figura 1.30 – Peça de entrada de Cassiano Branco

[Fonte: os autores, 2008]



Figura 1.31 – Peça escultórica “A Caminho do Mercado”
[Fonte: os autores, 2008]

Neste **primeiro núcleo** existe um edifício novo, que pode ser considerado um elemento dinamizador, pois é um espaço polivalente para crianças – a Ludoteca (figura 1.32). Conta ainda com um bar com esplanada, que permite a estadia a todas as faixas etárias. Ainda neste edifício, podemos encontrar as instalações sanitárias públicas e as instalações de apoio à manutenção do jardim.

Esta intervenção veio alterar a vivência do local, na medida em que era um espaço muito confuso e com baixa qualidade arquitectónica, que havia sido abandonado pela população.



Figura 1.32 – Primeiro núcleo – Ludoteca, bar e esplanada
[Fonte: os autores, 2008]

Ao chegar à cidade pelo lado da Rua da Comissão da Iniciativa, é possível entrar no Parque da Cidade pelo designado **segundo núcleo** (figura 1.33), onde existe uma praça central que constitui a ligação entre aquele lado da cidade, o rio e a margem oposta.

Esta área funciona como uma ampla zona de estadia, onde a vegetação, em conjunto com o mobiliário, promove um espaço de recreio, auxiliado por um edifício com

instalações de apoio ao campo de jogos próximo, instalações sanitárias públicas e restaurante/bar e esplanada.

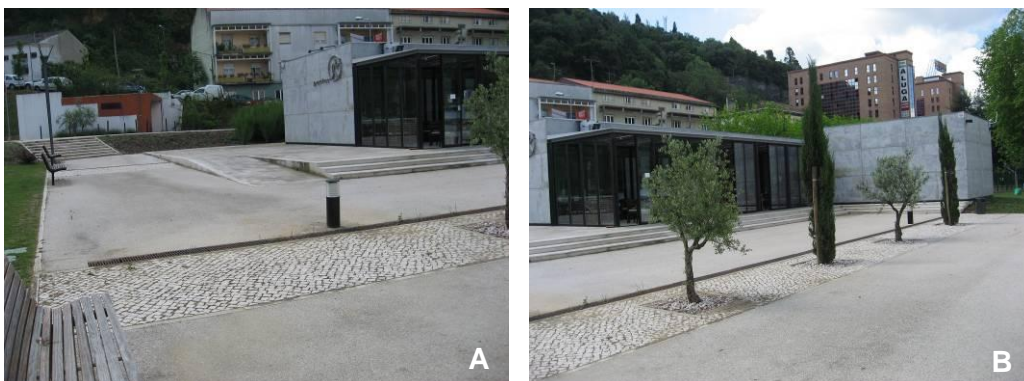


Figura 1.33 – Segundo núcleo – Ligação com a Rua Comissão da Iniciativa
[Fonte: os autores, 2008]

O **terceiro núcleo** situa-se junto do edifício da Fonte Quente, que também foi recuperado. Esta área encontra-se de certa forma “solta” do restante parque, pois existe um eixo viário de dois sentidos que faz o atravessamento entre este espaço e o parque. O núcleo é dinamizado pela presença marcante da Fonte Quente e do elemento de água pré-existente.



Entre estes três núcleos existem zonas verdes (figura 1.35), atravessadas por uma rede de percursos em malha ortogonal, privilegiando dois tipos de atravessamento: por um lado são paralelos ao rio e promovem caminhadas ao longo do parque e a ligação entre as três praças.

Figura 1.34 – Ponte de atravessamento pedonal sobre o Rio Lis
[Fonte: os autores, 2008]

Por outro lado existem percursos perpendiculares ao rio de maneira a aproximar as pessoas entre as duas margens e os serviços existentes de ambos os lados (figura 1.34). No cruzamento destes caminhos existem áreas de estadia.



Figura 1.35 – Espaços verdes ao longo do Parque
[Fonte: os autores, 2008]

No projecto do Parque, Jorge Cancela teve a preocupação de eliminar o muro que fazia a separação entre ambas as margens, permitindo um passeio para peões. Dessa forma promoveu-se uma maior aproximação entre os dois lados do rio.

Houve necessidade de criar pontos que completassem a ligação, criando ao longo do passeio alguns locais que se diluem com os caminhos perpendiculares ao rio, através de rampas (figura 1.36 A) e escadas (figura 1.36 B), permitindo o acesso directo ao parque.

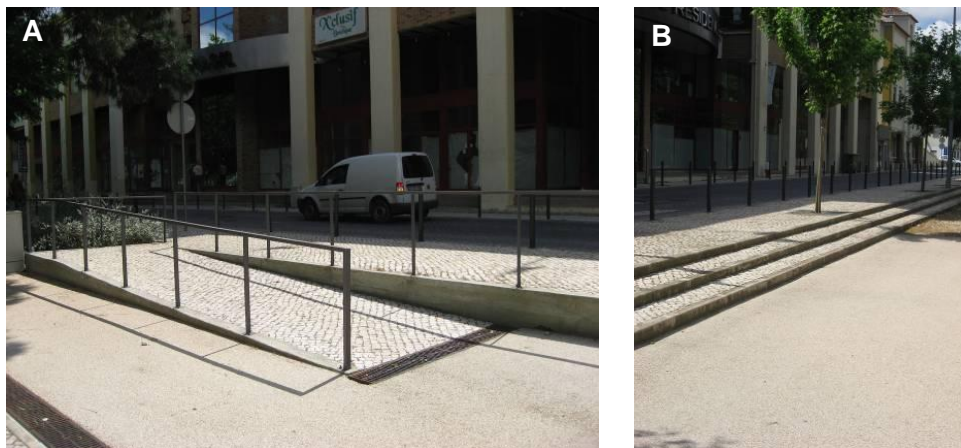


Figura 1.36 – Rampas e escadas para acesso directo ao Parque
[Fonte: os autores, 2008]

O parque infantil e o campo de jogos iniciais foram totalmente reformulados e realocalizados. Actualmente o parque infantil comporta um equipamento adequado às necessidades das crianças, em termos de desenvolvimento e de segurança, enquanto o campo de jogos foi totalmente construído de raiz, estando adaptado a várias modalidades e preenchendo as necessidades dos utilizadores (figura 1.37).



Figura 1.37 – Campo de jogos pavimentado
[Fonte: os autores, 2008]

Neste projecto não foram propostos lugares e estacionamento longitudinais, com o objectivo de permitir que os utilizadores do parque – os transeuntes pedestres – gozem de passeios dignos, onde a circulação se faz sem necessidade de contornar automóveis.

Actualmente a cidade de Leiria apresenta-se saturada de viaturas e esta solução permite a sua passagem, mas não permite o seu estacionamento.

O alçado originado por esta ausência de trânsito é um alçado limpo, onde a comunicação visual com o parque se faz sem quaisquer perturbações.

O percurso pedonal ao longo da margem esquerda seguiu uma lógica de reformulação da situação inicialmente apresentada, acabando por se tornar um trabalho de recuperação.

O pavimento existente, em calçada de cubo de calcário e em alguns locais de cubo de basalto, foi recuperado com reformulação da própria estereotomia. (figura 1.38).

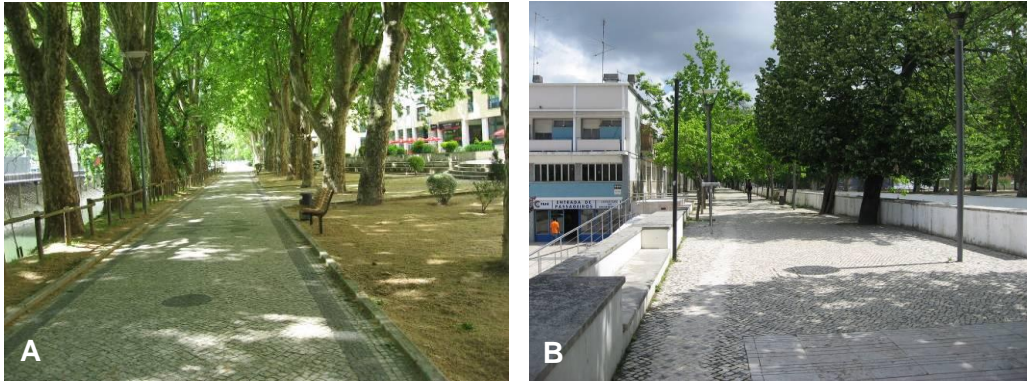


Figura 1.38 – Pavimentos recuperados
[Fonte: os autores, 2008]

Relativamente à ciclovia, Jorge Cancela não quis delimitar o espaço ao uso exclusivo para esta actividade, criando por isso condições necessárias para a prática do ciclismo que permitam a utilização por outro tipo de público. Foram colocados suportes para bicicletas e pavimento que permite uma circulação confortável, que é partilhada com os peões. Obteve-se assim um resultado satisfatório, quer em termos técnicos, quer em termos de segurança para todos os utilizadores, com a redução da velocidade das bicicletas.

O Plano de Pormenor da área intervencionada previa a existência de um cais neste troço do Rio Lis, pelo que o Arquitecto projectou um cais flutuante amovível (figura 1.39), que acabou por se tornar o ponto fundamental de ligação ao rio, possibilitando a sua navegabilidade. O cais é composto por um *deck* de madeira e uma estrutura metálica, apresentando ainda uma rampa de acesso e passadiços flutuantes.



Figura 1.39 – Cais flutuante na margem do Rio Lis
[Fonte: os autores, 2008]

Imediatamente a seguir ao largo Camilo Castelo Branco, temos a Rua do Rio Lis que fica no seguimento da Rua da Comissão da Iniciativa, e é uma rua muito estreita “afogada” com automóveis.

Este eixo que liga a Rua da Comissão da Iniciativa à Rua Conde Ferreira e à ponte com acesso viário apresentava, antes da intervenção, passeios muito estreitos com poucas condições de segurança, pavimentados em calçada de calcário que se apresentava em boas condições.

As preocupações ao nível da recuperação estenderam-se até aos pavimentos, havendo também uma revisão das condições de pavimento nos passeios do arruamento, com a substituição dos elementos degradados e a revisão altimétrica desse mesmo pavimento.

O Largo do Hospital Velho é composto por um espaço público adjacente à Rua Conde Ferreira e ao Hospital, que também se apresentava saturado com estacionamento. Este largo é quase plano, pavimentado com cubo de basalto e muito próximo do hospital, pelo que se apresentava como uma mais-valia.

A sua ligação às restantes vias automóveis não permitiu que fosse encerrado ao trânsito, pelo que em projecto se optou pela sua transformação num pequeno estacionamento arborizado, que permite a passagem automóvel.

Foram introduzidos alguns equipamentos que permitem a vivência do espaço numa vertente de estadia e duas peças escultóricas, para que o espaço não se torne um mero estacionamento e espaço rodoviário como anteriormente, mas sim um jardim de enquadramento do Hospital Velho e da Rua Conde Ferreira.

1.8.5_VEGETAÇÃO

Quanto à vegetação, algumas espécies foram mantidas, como é o caso da alameda de plátanos paralela ao Rio Lis, onde as plantas foram objecto de acções de tratamento e reabilitação (figura 1.40) e outras foram substituídas devido à baixa qualidade estética e fitossanitária que apresentavam. A vegetação escolhida para cada local teve em atenção os objectivos e o uso a que se destinava cada espaço.

Assim, na zona do parque houve especial atenção na escolha das espécies, no sentido que estas apresentassem uma componente estética compatível com as espécies pré-existentes, associada a reduzidas necessidades de manutenção e de correcções nutritivas.



Figura 1.40 – Alameda de plátanos paralela ao Rio Lis
[Fonte: os autores, 2008]

Com estes objectivos em mente, algumas das espécies utilizadas foram:

Estrato arbóreo:

- *Acer pseudoplatanus*
- *Cercis siliquastrum*
- *Cupressus sempervirens*
- *Eleagnus angustifolia*
- *Jacaranda mimosifolia*
- *Olea europaea*
- *Platanus hybrida*
- *Pinus pinea*
- *Quercus faginea*
- *Tilia cordata*

Estrato arbustivo:

- *Berberis thunbergii*
- *Ceanothus* sp.
- *Coronilla valentina* glauca
- *Crataegus monogyna*
- *Pyracantha angustifolia*
- *Tamarix africana*

- *Tamarix gallica*
- *Teucrium fruticans*

Estrato sub-arbustivo:

- *Calluna vulgaris*
- *Hebe speciosa*
- *Lavandula angustifolia*
- *Rosmarinus officinalis*
- *Thymus vulgaris*

Herbáceas de revestimento:

- *Festuca glauca*
- *Ophiopogon japonicus*

Na sementeira do relvado foi utilizada uma mistura de sombra, uma vez que o coberto vegetal se apresenta maioritariamente em situações de sombra. No entanto, nem sempre esta mistura resultou, havendo zonas de sombra total e outras sem qualquer enssombramento, em que a relva se apresenta em relativo mau estado.

- 60% *Festuca arundinacea*
- 10% *Festuca rubra* Comutata
- 20% *Festuca ovina* Duriuscula

No talude junto à Fonte Quente, e devido ao seu acentuado declive, o Arquitecto optou por fazer uma hidrossementeira para a fixação desse mesmo talude, recorrendo a uma mistura de espécies herbáceo – arbustivas:

- 15% *Lolium multiflorum*
- 12% *Festuca pratensis*
- 10% *Festuca rubra*
- 10% *Lolium perene*
- 10% *Poa pratensis*
- 8% *Dactylos glomerata*
- 8% *Trifolium repens*
- 7% *Phleum pratense*
- 5% *Festuca ovina*
- 5% *Poa annua*
- 4% *Trifolium pratensis*

- 2% *Deschampsia caespitosa*
- 1% *Agrostis capillaris*
- 1% *Cynodon dactylon*
- 1% *Lotus corniculatus*
- 1% *Medicago sativa*

Na margem do rio, logo após o açude, ocorrem fenómenos de cheias com alguma frequência. Para a estabilização e fixação do talude, encontramos espécies adaptadas ao meio aquático (de modo a que fiquem bem consolidadas) minimizando os efeitos da erosão provocados pela velocidade da água.

Esta vegetação ripícola cria um ecrã vegetal no contínuo das margens do Rio Lis, ao contrário da zona anterior ao açude em que o rio corre entre muros.

No sentido de fixar as partículas do solo que se encontram a superfície do talude, foi feita uma hidrossementeira composta por espécies ripícolas herbáceas – arbustivas.

Algumas das espécies de maior porte que aparecem nas margens são:

- *Alnus glutinosa*
- *Fraxinus angustifolia*
- *Salix alba*
- *Salix atrocinerea*
- *Salix fragilis*
- *Sambucus nigra*
- *Tamarix africana*

As espécies de menor porte e implantadas por hidrossementeira são:

- 65% *Festuca arundinacea* “Villageoise”
- 15% *Lolium perenne* “Repell”
- 10% *Trifolium repens* “Nanouk”
- 5% *Cytisus scoparius*
- 2.5% *Crataegus monogyna*
- 1.9% *Viburnum tinus*
- 0.5% *Hypericum perforatum*
- 0.1% *Mentha pulegium*

No entanto e apesar de todas as medidas tomadas, as margens não se encontram completamente estabilizadas, havendo zonas em que o solo se encontra ainda nu e a sofrer erosão hídrica (figura 1.41 A), em oposição a outras onde a vegetação se encontra em franco desenvolvimento (figura 1.41 B).

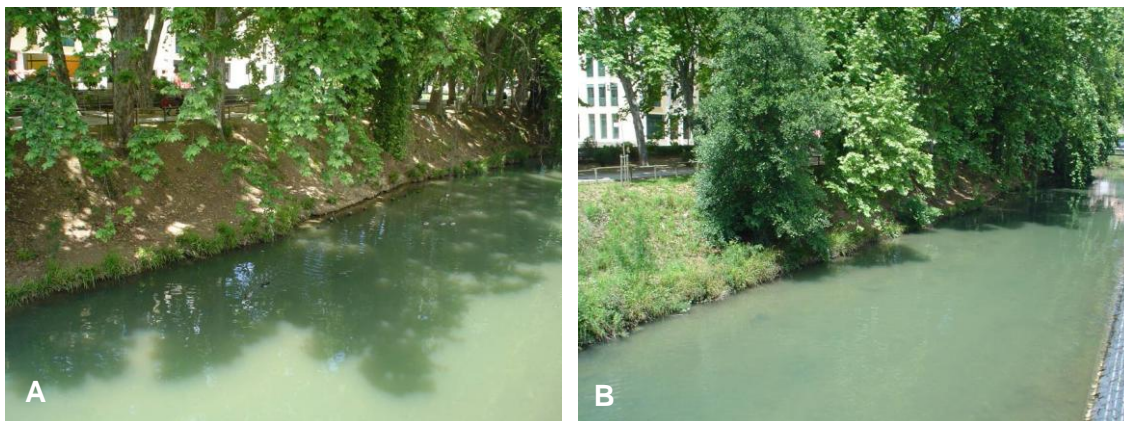


Figura 1.41 – Consolidação dos taludes na margem do Rio Lis
[Fonte: os autores, 2008]

1.8.6_MATERIAIS

Tal como já foi referido, e numa perspectiva de minimização dos custos e recursos dispendidos, foram utilizados sempre que possível materiais da região, reciclando aqueles que era possível.



Para uma correcta valorização dos muros que ladeiam o curso do Rio Lis, procedeu-se à limpeza do seu capeamento (de pedra calcária), recuperação ou substituição das peças danificadas no aparelho e colmatação das falhas existentes (figura 1.42). Estas intervenções resultaram numa imagem contínua dos muros ao longo do rio.

Figura 1.42 – Capeamento dos muros do Rio Lis
[Fonte: os autores, 2008]

Os pavimentos utilizados neste projecto foram na sua maioria de pedra calcária, na forma de micro-cubo nos passeios (figura 1.43 A) e de laje nas praças e zonas de estadia.

Nos espaços de circulação do parque encontramos ainda betuminoso colorido e semi-permeável (figura 1.43 B), proporcionando conforto a quem por lá circula.

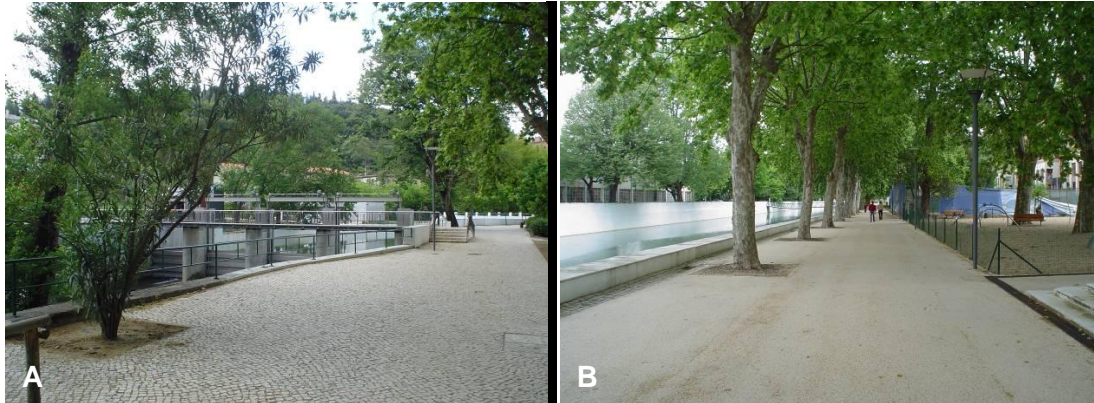


Figura 1.43 – Tipos de pavimento no Parque da Cidade
[Fonte: os autores, 2008]

Para o Parque Infantil o Arquitecto optou por um pavimento mais informal, adequado ao equipamentos que colocou e também interligado com o rio – o areão de rio lavado (figura 1.44). No campo de jogos foi utilizado betão poroso pintado.



Figura 1.44 – Pavimento do parque infantil, em areão de rio lavado
[Fonte: os autores, 2008]

No fundo do tanque da Fonte Quente, nas caldeiras das esplanadas e em alguns elementos do jardim a escolha do material recaiu no calhau rolado de calcário (figura 1.45).



Figura 1.45 – Fonte luminosa com painel em calhau rolado
[Fonte: os autores, 2008]

1.8.7_EQUIPAMENTOS

No que toca aos equipamentos, e à semelhança do que foi feito para o espaço privado, debruçar-nos-emos apenas sobre a iluminação e sobre o mobiliário urbano.

- **Iluminação**

A proposta de iluminação do jardim teve por objectivo ser agradável, adequando-se ao espaço de utilização pública e proporcionando às pessoas conforto na estadia nocturna.

Para isso, foram instalados quatro tipos de aparelhos de iluminação, que proporcionam a iluminação e efeitos pretendidos na vegetação, elementos de água, esculturas e caminhos pedonais.

Ao longo dos caminhos pedonais encontramos os candeeiros de pé alto (figura 1.45-I A), enquanto ao longo dos percursos pedonais secundários foram instalados candeeiros baixos entre os maciços de vegetação (figura 1.45-I B).



Figura 1.45-i – Iluminação dos percursos pedonais
[Fonte: os autores, 2008]

No tanque da Fonte Quente surgem projectores submersíveis e sob algumas árvores de caldeira surgem projectores de enterrar, de forma a criar cenários luminosos enriquecedores da paisagem urbana. Os restantes aparelhos estão encastrados no pavimento (figura 1.46 A).

No entanto, alguns destes equipamentos foram já vandalizados e encontram-se em mau estado, chegando a acumular lixo em seu redor (figura 1.46 B).

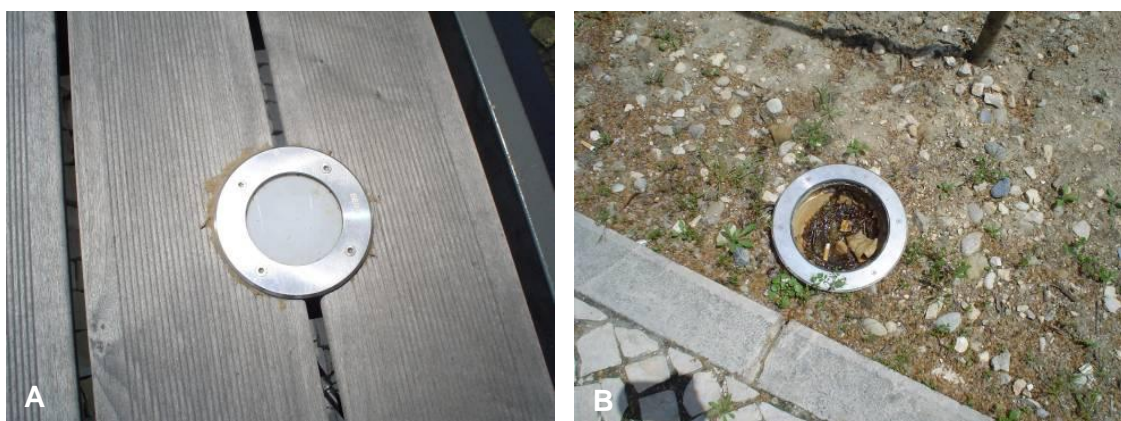


Figura 1.46 – Iluminária de chão

A_ Iluminária encastrada no chão

B_ Iluminária vandalizada

[Fonte: os autores]

- **Mobiliário Urbano**

A separação entre a Rua do Lis/Rua da Comissão da Iniciativa e o percurso viário é feita através de pilaretes nos limites do acesso, que dadas as suas características materiais não constituem um elemento de obstrução visual, resultando numa leitura contínua em todo o arruamento Visto que existe a necessidade de serem efectuadas cargas e descargas para a manutenção e fornecimento do parque, alguns destes pilaretes são retrácteis.

O mobiliário utilizado foi definido pelo Leiria Polis, de maneira a criar uma imagem coerente em toda a zona ribeirinha. No entanto, o Arquitecto sugeriu alguns equipamentos e dessa junção resultaram os seguintes:

Bancos de madeira de dois tipos, com e sem costas (figura 1.47 A e 1.47 B), dependendo do espaço e a vivência do mesmo.



Figura 1.47 – Tipologias de bancos existentes ao longo do parque
[Fonte: os autores, 2008]

As papelarias inicialmente propostas eram em madeira, discretas e coerentes com a imagem dos bancos. No entanto, o dono da obra optou por outro modelo, metálico, que se revelou mais resistente que o inicialmente proposto (figura 1.48 A).

Os bebedouros escolhidos são de linhas simples e discretos, aparecendo pontualmente ao longo do parque (figura 1.48 B).



Figura 1.48 – Tipologias de papelarias e bebedouros do parque
[Fonte: os autores, 2008]

O equipamento do parque infantil é do tipo “Conlastic”, com formas originais e divertidas, proporcionando uma grande diversidade de actividades a crianças de diferentes idades, no sentido de estimular a sua capacidade de ultrapassar diferentes obstáculos. No entanto estes equipamentos são cromados e associado ao facto do pavimento ser de cor muito clara, tornam o espaço muito monótono (figura 1.49).



Figura 1.49 – Equipamento do parque infantil
[Fonte: os autores, 2008]

1.8.8_OUTROS

- Rega

Dependendo do local a regar, encontramos ao longo deste parque sistemas de rega por aspersão e de rega gota-a-gota, num sistema totalmente automatizado comandado por um programador. Existe também um sistema manual composto por bocas de rega de encaixe rápido, que funcionam como sistema de apoio ou de substituição temporária do anterior, durante períodos de manutenção ou reparação do sistema automático ou como sistema de limpeza de pavimentos e equipamentos ou mesmo como sistema complementar de combate a incêndios.

A rega por aspersão (figura 1.50 A) foi instalada nos relvados e nas zonas de plantações de herbáceas e arbustivas de maiores dimensões, enquanto a rega gota-a-gota (figura 1.50 B) é utilizada para regar as árvores em caldeira e nas zonas de plantações herbáceas e arbustivas de menores dimensões.



Figura 1.50 – Tipologias de sistemas de rega
[Fonte: os autores, 2008]

O sistema de bocas de encaixe rápido é composto por bocas de rega com um espaçamento que permita estender mangueiras para rega manual ou encaixar aspersores para rega semiautomática.

É possível encontrar no sistema de rega algumas soluções que a nosso ver não são as mais adequadas. Exemplo disso é o posicionamento da maioria das caixas de rega no meio dos relvados (figura 1.51 C) ou mesmo no meio do passeio (figura 1.51 A), levando a que a grande visibilidade a que estão sujeitas aumente o risco de serem vandalizadas (figura 1.51 B), para além de ser esteticamente desagradável.



Figura 1.51 – Posicionamento das caixas de rega
[Fonte: os autores, 2008]

- **Drenagem**

Genericamente, as soluções de drenagem foram tomadas com o objectivo de modelar o terreno de acordo com o anteriormente existente e no sentido do rio, facilitando a escorrência e drenagem das águas pluviais.

Junto aos muros que seguem o rio foram implementadas valetas, que terminam em sumidouros colocados junto às caixas de recolha (figura 1.52); nos restantes casos

encontramos caleiras com grelha ligadas a caixas intermédias de recolha (figura 1.52). Neste último caso o desenho (ou a realização da obra) não resultou muito bem, uma vez que as caixas de recolha deviam encontrar-se numa posição central em relação às grelhas.

As caleiras apresentam-se simples ou com pendente incorporada, consoante a existência ou não de uma pendente natural no terreno nas zonas de implantação.



Figura 1.52 – Pormenores do sistema de drenagem
[Fonte: os autores, 2008]

De forma a prevenir situações pontuais e imprevistas de subida dos níveis do rio acima dos valores previsíveis, o Arquitecto Jorge Cancela previu a colocação de válvulas de maré que permitem, em situações extemporâneas, preservar a rede impedindo a intromissão de águas do rio. Este sistema funcionará apenas como uma solução temporária, uma vez que não resultará em caso de cheias por períodos prolongados.

Dadas as diferenças de cota entre o rio e a margem direita, qualquer situação de cheia evoluirá rapidamente para a inundação das zonas intervencionadas, tornando inútil qualquer esforço de preservação da rede.

1.8.9_CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a concretização deste parque, o Arquitecto Paisagista teve de respeitar uma série de planos, normas, regras e exigências feitas pelo Programa Polis para chegar a uma proposta final, pelo que as suas ideias e manifestações de projecto mais imediatas tiveram que ser muito pensadas e analisadas, restringindo e condicionando um pouco o resultado final aos Planos impostos pela Polis Leiria.

Depois de analisarmos o Parque da Cidade de Leiria, podemos dizer que ao longo da concepção e realização deste projecto houve uma especial atenção em tentar levar o Parque (mais propriamente o Rio Lis) até à cidade, através de caminhos pedonais, ciclovias e outros tipos de aproximações, que se revelaram de bastante importância, quer do ponto de vista estrutural, quer do ponto de vista funcional.

Também um dos pontos importantes que não foi esquecido, foi o facto de manter algumas características do que se encontrava anteriormente na zona, para que o espaço seja facilmente reconhecido por quem dele tenha anteriormente usufruído. Isto foi conseguido através da recuperação de alguns pavimentos e alguma vegetação existente.

Ao nível da vegetação podemos verificar que não existe monotonia, encontrando-se uma série de texturas, dimensões e cores, o que dá um certo dinamismo ao parque, criando conforto visual.

A nosso ver, um aspecto desfavorável é a preservação dos campos de ténis antigos (ainda que esteja prevista a sua retirada/reabilitação para uma próxima fase), uma vez que estes se encontram ao abandono e sem a mínima manutenção, dando um aspecto desagradável a toda a zona.

Existe ainda um elemento que achamos que deveria ter sido recuperado na sua totalidade, tornando o rio e todo o espaço envolvente mais naturalizado – as margens. Anterior à intervenção no âmbito do Programa Polis, houve uma outra na qual se substituíram as margens do rio por dois muros (figura 1.53), retirando todo o sentido à linha de água e tornando-a quase num simples canal de passagem de águas completamente artificializado, sem comunicação com o jardim.



Figura 1.53 – Margens artificializadas do Rio Lis
[Fonte: os autores, 2008]

Na intervenção do Programa Polis, poderiam ter sido repostas as margens do rio e toda a galeria ripícola característica destas zonas, fazendo assim uma comunicação directa com a envolvente, tornando o rio parte integrante do jardim.

2_ARQUITECTO PAISAGISTA GEORGE HARGREAVES



Figura 2.1 – George Hargreaves, Arquitecto Paisagista

[Fonte: www.gsd.harvard.edu/people/faculty/hargreaves/cv.html]

2.1_PERCURSO ACADÉMICO

A viagem de escalada, efectuada aos 18 anos de idade, na Flat Top Mountain², onde terá vivenciado um cenário de uma viva e constante mutação de paisagem e o sábio conselho de um tio foram, como o próprio reconhece, os factores que o levaram a interessar-se pela Arquitectura Paisagista.

“(…) It wasn't just the mountains or the trees or any of the individual elements. It was something about the sense of space itself (…)”³

Em 1973 ingressa na *School of Environment and Design* na Universidade da Geórgia, licenciando-se, 4 anos depois, em segundo lugar do seu curso e com o grau de Bacharel⁴.

Em 1977, ingressou na *Harvard University Graduate School of Design* onde, dois anos depois, obtém o Mestrado em Arquitectura Paisagista⁵.

É membro da ASLA⁶.

2.2_PERCURSO PROFISSIONAL

Em 1983 inicia a sua actividade profissional, fundando a firma Hargreaves Associates⁷, com sede em S. Francisco e mais tarde filiais em Cambridge, Nova Iorque e Londres.

² Topo montanhoso em Rocky Mountain National Park in <http://rockymountainnationalpark.com>.

³ George Hargreaves, citado no artigo de Ken Gwertz: *Landscape Alchemist* in www.hno.harvard.edu/gazette/1997/02.06/LandscapeAlchemist.html.

⁴ BLA (Bachelor in Landscape Architecture), *Magna Cum Laude* (1976), 1977 in www.gsd.harvard.edu/people/faculty/Hargreaves/cv.html.

⁵ MLA (Master in Landscape Architecture) with distinction, 1979 in www.gsd.harvard.edu/people/faculty/hargreaves/cv.html

⁶ ASLA: American Society of Landscape Architects.

⁷ www.hargreaves.com/firm.

Trabalha em colaboração com as firmas The SWA Group, em Sausalito, Califórnia e no Cheshire Design Group, em Chester, Inglaterra, dedicando-se, desde essa altura, ao desenho de paisagens (dos pequenos jardins de moradias unifamiliares aos grandes projectos de ordenamento).

A Hargreaves Associates, na prossecução dos seus objectivos, mantém presente uma preocupação de elevada nobreza e que promove o verdadeiro desenvolvimento sustentável: **estabelecer conexões entre a cultura e o ambiente e entre a Terra e a população.**

A regra seguida nos seus ateliers é que o Designer/Arquitecto Paisagista designado para trabalhar numa determinada obra, fica “obrigado” a acompanhá-la até ao seu término (regra que, naturalmente, o inclui a ele também), da concepção à construção, em todas as fases do acto de projectar.

Entre 1981 e 1991, lecciona como Professor Convidado ou Crítico em diferentes escolas⁸.

Entre 1991 e 1996, lecciona como Professor Adjunto no Departamento de Arquitectura Paisagista, na *Harvard University Graduate School of Design* em Cambridge, Massachussetts.

Entre 1996 e 2000, foi Professor de Arquitectura Paisagista, na mesma Universidade e Coordenador do Departamento de Arquitectura Paisagista⁹ (entre 1996 e 2003).

Desde 2003, é *Peter Louis Hornbeck Professor in Practice of Landscape Architecture*, igualmente em Harvard.

Como curiosidade ficam aqui os Arquitectos Paisagistas de renome que fazem parte do Departamento de Arquitectura Paisagista da Universidade onde George Hargreaves lecciona: John Beardsley; Michael Blier; Charles Cannon; Holly Clarke; Peter Del Tredici; Stephen Ervin; Robert France; Scheri Fultineer; Shauna Gillies-Smith; Gary Hilderbrand; Dorothee Imbert; Virginia Johnson; Niall Kirkwood; Mark Laird; Michael Lee; Wilson Martin; Anne McGhee; Paula Meijerink; Cherilyn Ruane; Martha Schwartz; Laura Solano; Carl Steinitz; John Stilgoe; Matthew Urbanski; Michael Van Valkenburgh; Craig Verzone; Christian Werthmann e Sylvia Winter.

⁸ University of Pennsylvania, Philadelphia, Pennsylvania, 1991; Harvard University Graduate School of Design, Cambridge, Massachusetts, 1987-88, 1988-89; University of Virginia, Charlottesville, Virginia, 1985; University of Illinois, Champaign, Illinois, 1984; Cal-Polytechnic, San Luis Obispo, California, 1981 *in* www.gsd.harvard.edu/people/faculty/hargreaves/cv.html.

⁹ Chairman for the Department of Landscape Architecture.

2.3_PROJECTOS REALIZADOS

Entre os inúmeros trabalhos realizados por este Arquitecto Paisagista, listamos aqueles que transversalmente tivemos necessidade de pesquisar:

Residências Particulares:

- Bransten Residence, Bolinas, California
- Dayton Residence, Minneapolis
- Smith Residence, Big Sky, Montana
- Villa Zapu, Napa, California

Parques Públicos:

- Parque da Frente Ribeirinha de Cincinnati, Cincinnati, Ohio
- Parque do Centro Administrativo de S. Diego, S. Diego, Califórnia
- Parque do Rio Guadalupe, S. Jose, Califórnia
- Parque do Tejo e Trancão - Expo '98, Lisboa, Portugal
- Parque Fresh Kills Landfill (Landscape Competition), New York City, New York
- Parque Ribeirinho de Louisville, Louisville, Kentucky
- Parque South Lake Union, Seattle, Washington
- Regularização do rio Trinity, Dallas, Texas
- Shepherds Bush Common Competition, London, Reino Unido

Desenho de Espaço Urbano:

- Baton Rouge Riverfront, Baton Rouge, Louisiana
- Crissy Field, San Francisco, California
- Estação de Tratamento de Águas Residuais em Brightwater, Seattle, Washington
- Exploration Place, Wichita, Kansas
- Millennium Point, New York City, New York
- New York City Olympics 2012, New York, New York
- Parque Recreativo de Candlestick Point State, San Francisco, California
- Passeio das Artes de Davenport, Davenport, Iowa
- Plano Geral dos Parques do centro de Dallas, Dallas, Texas
- Sydney Olympics 2000, Sydney, Austrália
- World Trade Center Site Competition, New York City, New York

Projectos para Instituições:

- Astir Palace Hotel em Atenas, Grécia
- Museu Nacional das Ciências Emergentes e da Inovação, Tokyo, Japão
- Native American Cultural Center and Museum, Oklahoma City, Oklahoma
- Plano Geral da Universidade de Cincinnati, Cincinnati, Ohio
- Plano Geral do Colégio de Santa Fé, Santa Fé, Novo México

Projectos para Empresas:

- Hewlett Packard Courtyard, Palo Alto, California
- Plano Geral da General Motors Tech Center, Warren, Michigan
- Praça e Passeio para a General Motors Global Hq., Detroit, Michigan
- Ritz-Carlton Hotel e Residências, Washington D.C.
- William J. Clinton Presidential Center, Little Rock, Arkansas

Deixamos nas imagens da figura seguinte alguns exemplos dos trabalhos acima citados.



Figura 2.2 – Trabalhos do Arquitecto Paisagista George Hargreaves

A_ Louisville Waterfront Park [Fonte: <http://www.hargreaves.com>]

B_ Sydney Olympics 2000 [Fonte: <http://www.hargreaves.com>]

C_ Chattanooga Waterfront [Fonte: <http://www.hargreaves.com>]

D_ Hewlett Packard Courtyard [Fonte: <http://www.hargreaves.com>]

E_ Byxbee Park [Fonte: <http://www.hargreaves.com>]

F_ Prospect Green [Fonte: <http://www.hargreaves.com>]

2.4_PRÉMIOS E PUBLICAÇÕES

Desde 1982 que este Arquitecto Paisagista acumula inúmeros prémios e distinções, que podem ser consultados no sítio da sua empresa.

Como referência ficam aqui alguns dos prémios / distinções ganhos apenas neste século:

- | | |
|-------------|---|
| 2000 | Merit Award, American Society of Landscape Architects, 2000: Sydney Olympics 2000, Sydney, Australia.
Medallion Award, American Society of Landscape Architects, 2000: Plaza Park, San Jose, California.
Excellence Award, Association of Consulting Engineers Australia, 2000; The Northern Water Feature, Sydney Olympics 2000, Sydney, Australia. |
| 2001 | First Place Civic Beautification Award, Civic Garden Center of Greater Cincinnati, 2001: Campus Green.
People's Choice Award, <i>Louisville Excentric Observer Magazine</i> , 2001: Louisville Waterfront Park-best park, public art, Louisville, Kentucky.
Friedel Klussmann Award, San Francisco Beautiful, 2001: Crissy Field.
Honor Award, American Society of Landscape Architects, 2001: Louisville Waterfront Park, Louisville, Kentucky.
Competition Finalist, 2001: Tempe Arts Center, Tempe, Arizona.
Merit Award, Kentucky Chapter of American Society of Landscape Architects, 2001: Henderson Riverfront and Downtown Development Master Plan, Henderson, Kentucky. |
| 2002 | Honor Award, American Society of Landscape Architects, Markings, San Jose, California.
Merit Award, American Society of Landscape Architects, Crissy Field, San Francisco, California.
Phoenix Award, Louisville Waterfront Park.
Honor Award, American Institute of Architects, Pittsburgh Riverfront Park Master Plan. |
| 2003 | Citation, 51st Annual PA Awards 2003; San Jose State University, Art Museum Competition Winner, San Jose, California.
Award for Excellence, American Institute of Architects; Ritz-Carlton Hotel and Residences, Georgetown, (with Gary E. Handel Associates).
Honorable Mention, Rudy Brunner Award, 2003: Crissy Field. |

2007 | Professional ASLA Awards, Analysis and Planning Category, Award of Excellence, Hunter's Point Waterfront Park Project, San Francisco, California.

Para além do trabalho de gabinete e da prática lectiva, Hargreaves publica com alguma regularidade obras literárias (artigos, ensaios, livros, ...) sendo a sua última contribuição um livro¹⁰ que publicou em co-autoria com Julia Czermiack¹¹, uma compilação de oito artigos dedicados ao estudo de grandes parques urbanos, explorando a sua complexidade e a sua relação com a sociedade que os cria, mantém e com eles evolui.

Um tema muito interessante que reflecte um pouco da filosofia que se pode encontrar subjacente a toda a sua obra, nomeadamente a constante procura em estabelecer conexões/interacções entre o ambiente e as pessoas.

2.5_INFLUÊNCIAS

Mais do que pessoas individuais, podemos afirmar, tendo por base o seu percurso académico e profissional, que Hargreaves é influenciado pelo conjunto de movimentos que singraram nos Estados Unidos, principalmente na esfera de influência do Departamento de Arquitectura Paisagista da Universidade de Harvard, nomeadamente o movimento modernista¹², que singra até aos anos 80 do século passado e nas diferentes vertentes pós-modernistas (onde se incluem os conceitos de *Land Art*¹³, o

¹⁰ CZERMYACK, J. HARGREAVES, G. (2007) *Large Parks*. Princeton Architectural Press, New York.

¹¹ Julia Czermiack é uma Arquitecta Paisagista (Pennsylvania State University, 1984) e Arquitecta (Princeton University, 1992), Professora Associada de Arquitectura da Universidade de Siracusa e co-fundadora do CLEAR, um grupo de estudos que procura estabelecer e compreender intersecções/interacções entre a Arquitectura e outras disciplinas.

¹² No modernismo, que tem expressão em movimentos como a Bauhaus de Walter Gropius e Mies van der Rohe ou arquitectos como Le Corbusier ou Frank Lloyd Right, a arquitectura é caracterizada pelos postulados: adopção do princípio que os materiais e os requisitos funcionais, determinam os projectos (o resultado final); a adopção da estética mecânica funcional; rejeição do ornamental; a simplificação da forma e a eliminação do detalhe supérfluo; adopção da estrutura expressa e a forma segue a função. Este movimento e os seus protagonistas estão na base, por exemplo, da Carta de Atenas (1933) que estabelece, entre outros os princípios de construção em Arquitectura que influenciaram o crescimento urbano em todo o mundo in http://en.wikipedia.org/wiki/Modern_architecture.

¹³ "*Land Art*" ou "*Earth Works*" é um estilo Paisagista/Arquitectónico reconhecido como a mais "suportada" das inspirações artísticas que, no final dos anos 60 do século passado, um determinado número de artistas iniciou fora das quatro paredes da galeria, numa série de criações no deserto e montanhas do Nevada, Utah, Arizona e Novo México. A *Land Art* deixa os espaços comuns de exposição como a galeria, o atelier e o museu para "investir no planeta", renova a noção de exposição numa experiência real e intransponível, representada em vastos espaços, como a montanha, o mar, o deserto e o campo, para uma maior liberdade criativa e tendo, na Arquitectura Paisagista, referencia a Arquitecta Paisagista Martha Schwartz in <http://www.caleida.pt/clepsidra/paginas/apresentacao.html>

funcionalismo estético, o minimalismo ou o desconstrutivismo arquitectónico) que evoluem desde então e Hargreaves, sem grandes dúvidas, evoluiu com eles.

Susan Frey¹⁴ resume e aponta como principais influências de George Hargreaves o interesse pela arte ambientalista e o interesse pelo conteúdo narrativo, num quadro pós-modernista.

A mesma autora conclui que estas influências permitem definir no seu trabalho uma trajetória que claramente rejeita a ideia que o desenho paisagista não passa de um mero complemento da arquitectura e deva submeter-se a ela, em desenho ou por contraste, tendo ele mesmo afirmado:

“(...) the truths that are uncovered in the analysis of environmental phenomena should be the fodder – the subject – of design (...)”

2.6_CONCEITO DA SUA OBRA

A Arquitectura Paisagista, para este Arquitecto, tem que ser capaz de resolver os problemas sociais e ambientais e também que estabelecer uma conexão coerente entre pessoas e paisagem, criando uma ambiência estética que nos faça pensar.

A sua vasta obra vinca, *per si*, essa mesma ideia e as duas obras escolhidas para ilustrar o trabalho deste Arquitecto Paisagista são duas expressões de dois momentos inspiradores distantes cerca de 10 anos.

Na concepção da Villa Zapu podemos encontrar George Hargreaves a afirmar-se num mercado de trabalho muito competitivo, executando projectos com um vigor consentâneo com o advento pós-modernista professado em Harvard, mais próximos da experimentação e da expressão da arte com e para a natureza, num exercício de Arquitectura Paisagista brilhantemente expressiva resultante do desenvolvimento de uma filosofia criativa considerada coerente.

Com o decorrer do tempo e o acumular de experiências podemos verificar como este arquitecto e a sua obra demonstram uma mudança de abordagens, passando de uma postura meramente física e material, baseada no conhecimento e estudo dos elementos físicos básicos (ar, água e solo), para uma visão/concepção mais cultural e narrativa dos espaços exteriores, como acontece com o segundo trabalho que apresentamos, Guadalupe River Park.

¹⁴ Cit. in CERVER, F. A. 1995.

2.7_PROJECTO DE CARÁCTER PRIVADO | VILLA ZAPU



Figura 2.3 – Villa Zapu
[Fonte: <http://www.hargreaves.com/projects/Residential/VillaZapu/>]

2.7.1_LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Villa Zapu é uma residência particular situada em Napa Valley, no Condado de Napa na Região Northern Coast Range, na Califórnia¹⁵ (figura 2.5), na qual a *Vitis vinifera*, a principal produção agrícola (figura 2.6 B e 2.7), vai encontrar um habitat ideal, função do clima, das condições do solo e dos vales ensolarados como o referido, com cerca de 45 km de extensão (figura 2.8) e ainda Livermore Valley ou Santa Clara Valley.

Em relação ao clima¹⁶ propriamente dito, embora a costa californiana (figura 2.4) seja, na sua maior extensão, muito húmida e fria, com um céu nublado, capaz de prejudicar a insolação, encontramos áreas de clima tipo Mediterrâneo, não atingidas pela humidade e o frio excessivo: na Costa Norte, que mais nos interessa, podemos encontrar um clima de duas estações, com Invernos curtos e amenos e Verões longos, quentes e secos e nevoeiros de Verão vindos do Pacífico; na Costa Central Norte o clima passa do fresco e enevoadado (quando influenciado pela baía de S. Francisco e Monterrey) ao seco e muito quente com pouca pluviosidade; na Costa Central Sul encontramos um clima bastante diferenciado, com grande influência dos nevoeiros marítimos do Pacífico e na Califórnia Central e do Sul (que produz vinhos em grande

¹⁵ A área localizada a Norte de S. Francisco é conhecida como *Wine Country* (País do Vinho), abrangendo Sonoma, Napa Valley e suas subdivisões sendo Sonoma o lugar de nascimento do vinho californiano e Napa Valley a zona mais conhecida in http://winexperts.terra.com.br/artigos_detalhes.asp.

¹⁶ A temperatura na Califórnia é influenciada por 3 factores: a latitude (que controla a distribuição da radiação solar), a altitude (a mais importante e que regula a temperatura, mais baixa nos cumes) e pela proximidade do Pacífico (fazendo aumentar a temperatura para Sul e exercendo o Oceano um efeito moderador da variação da temperatura) in www.humboldt.edu/~cga/calatlas/index.html e www.lib.utexas.edu/maps/california.html.

quantidade embora de menor qualidade), podemos encontrar um clima de calor intenso e pouca pluviosidade, recorrendo-se aí muito à irrigação.

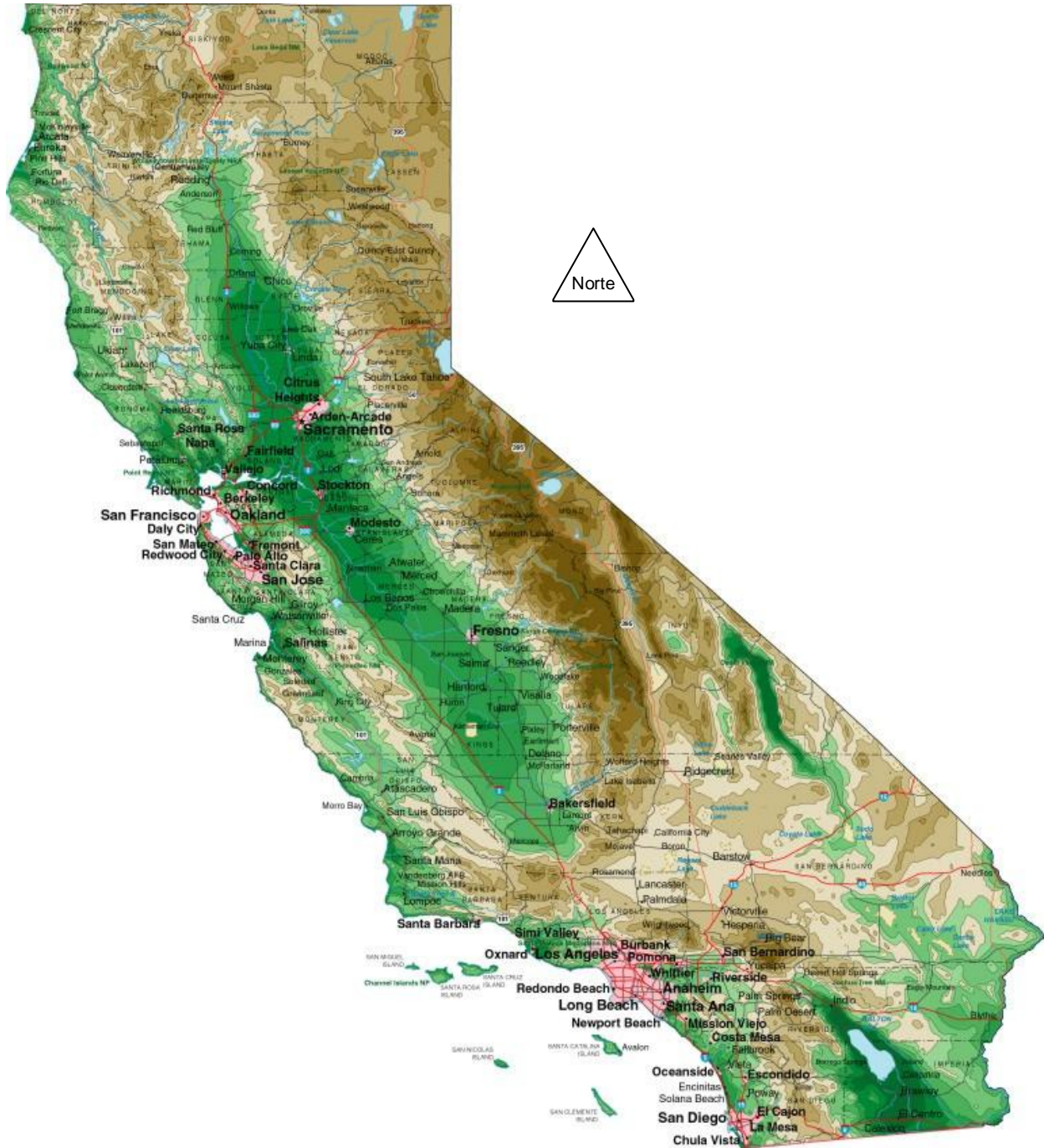


Figura 2.4 – Mapa Geográfico do Estado da Califórnia
[Fonte: <http://www.lib.utexas.edu/maps/california.html>]

Quanto às principais castas vitivinícolas plantadas¹⁷ (figura 2.6), podemos indicar a *Cabernet Sauvignon* (a rainha das uvas tintas californianas, sendo a mais plantada em Napa, Sonoma e Santa Cruz Mountain); a *Merlot* (muito bem adaptada em Napa e Sonoma); a *Varietal*; a *Zinfandel* e ainda outras variedades tintas (*Syrah* e *Pinot noir*) e brancas (*Chardonnay*, *Sauvignon blanc*, *Semillion*, *Chenin blanc*, *Gewürztraminer*, *Riesling*), entre outras, fazendo do enoturismo, no seu conjunto, uma actividade cada vez mais lucrativa¹⁸.

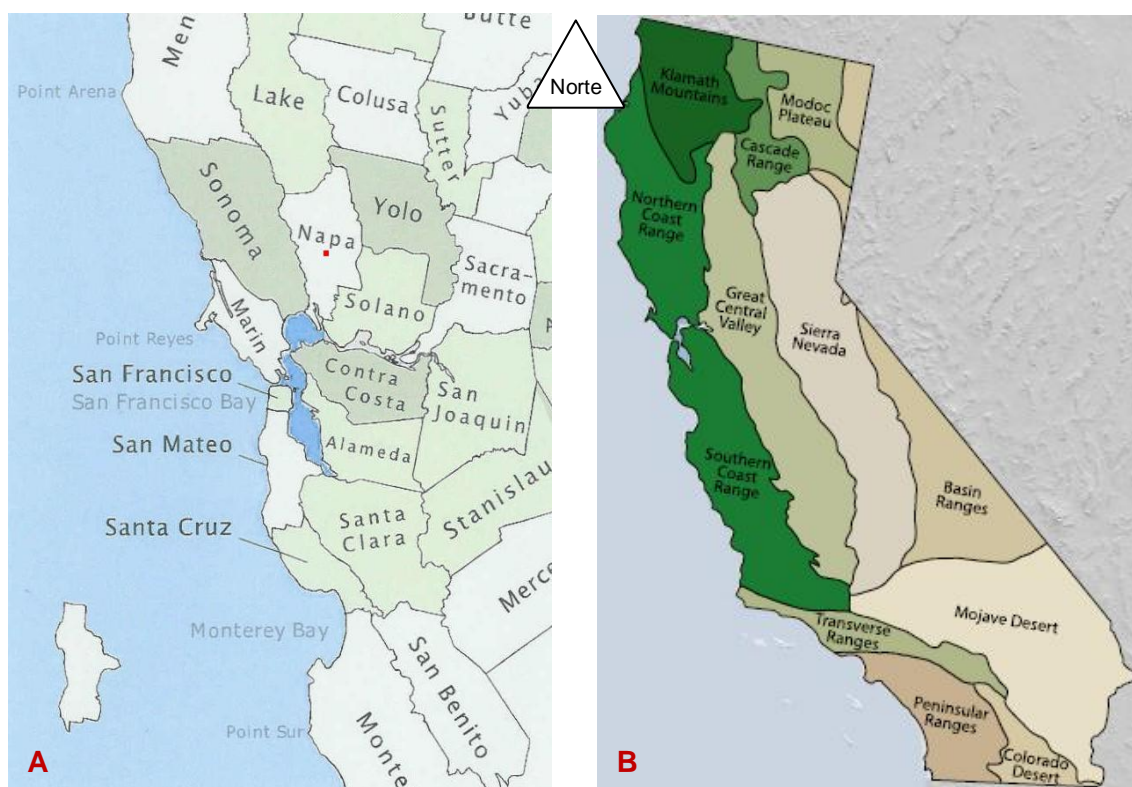


Figura 2.5 – A: Localização relativa de Napa e B: As principais Regiões Fisiográficas da Califórnia
[Fonte: <http://www.lib.utexas.edu/maps/california.html>]

¹⁷ O país não tem um sistema de classificação como têm outros lugares do mundo, mas possui AVA (American Viticultural Areas), criadas em 1983, nas quais existem as demarcações por tipo de solo, topografia e clima, não havendo restrição nem à quantidade de produção nem à casta cultivada.

¹⁸ A Califórnia é o quarto maior produtor de vinho do mundo, atrás de França, Itália e Espanha e desta produção, 90% é para consumo interno, com preços em geral elevados, fazendo do enoturismo um importante componente das receitas das explorações que vendem grande parte da sua produção directamente ao turista consumidor in www.catchwine.com.

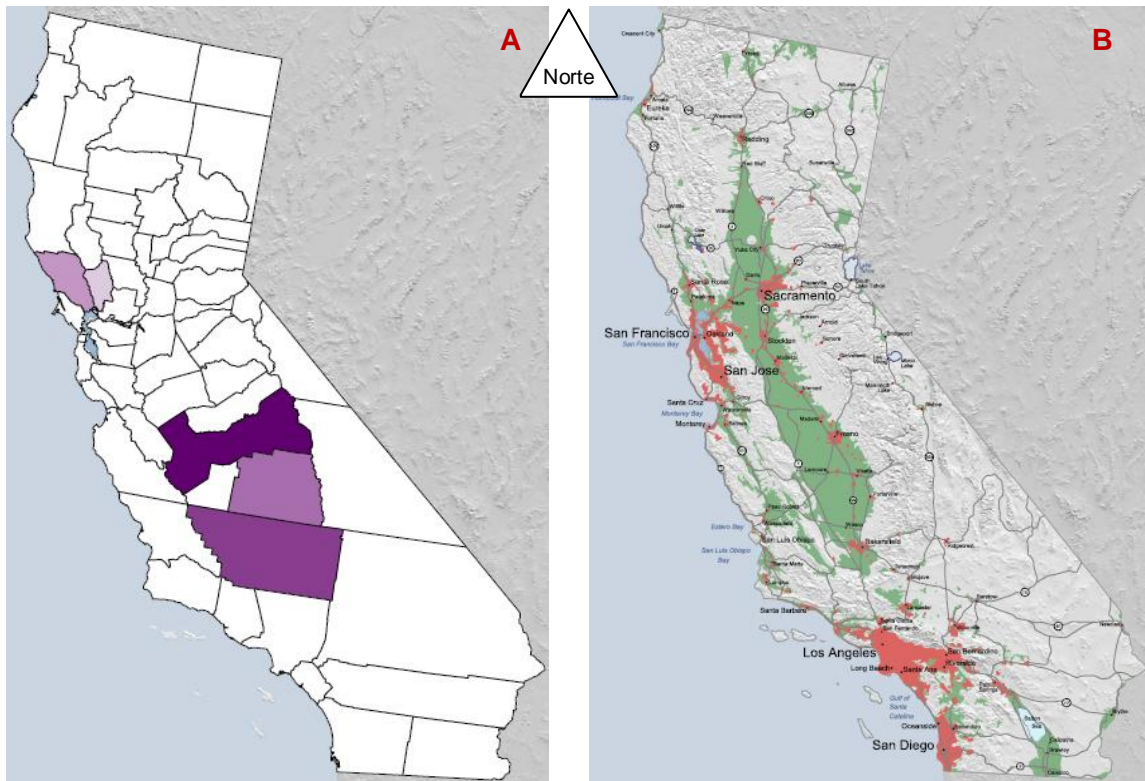


Figura 2.6 – A: Áreas de produção de vinho na Califórnia e B: Principais cidades e Ocupação do Solo Urbano (vermelho) e Agrícola (verde) na Califórnia

[Fonte: A – <http://winexperts.terra.com.br/artigos> e B - <http://viagem.hsw.uol.com.br/california18.htm>; www.humboldt.edu/~cga/calatlas/index.html e www.lib.utexas.edu/maps/california.html]

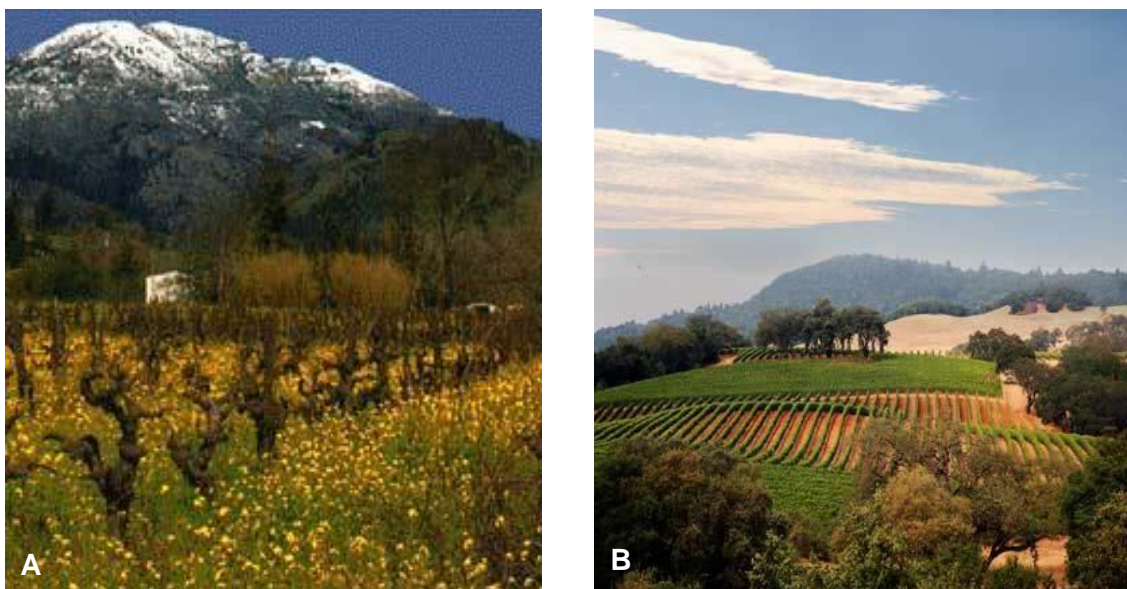


Figura 2.7 – Produção vinhateira em Napa Valley

[Fonte: A – <http://winexperts.terra.com.br/artigos> e B - <http://viagem.hsw.uol.com.br/california18.htm>]

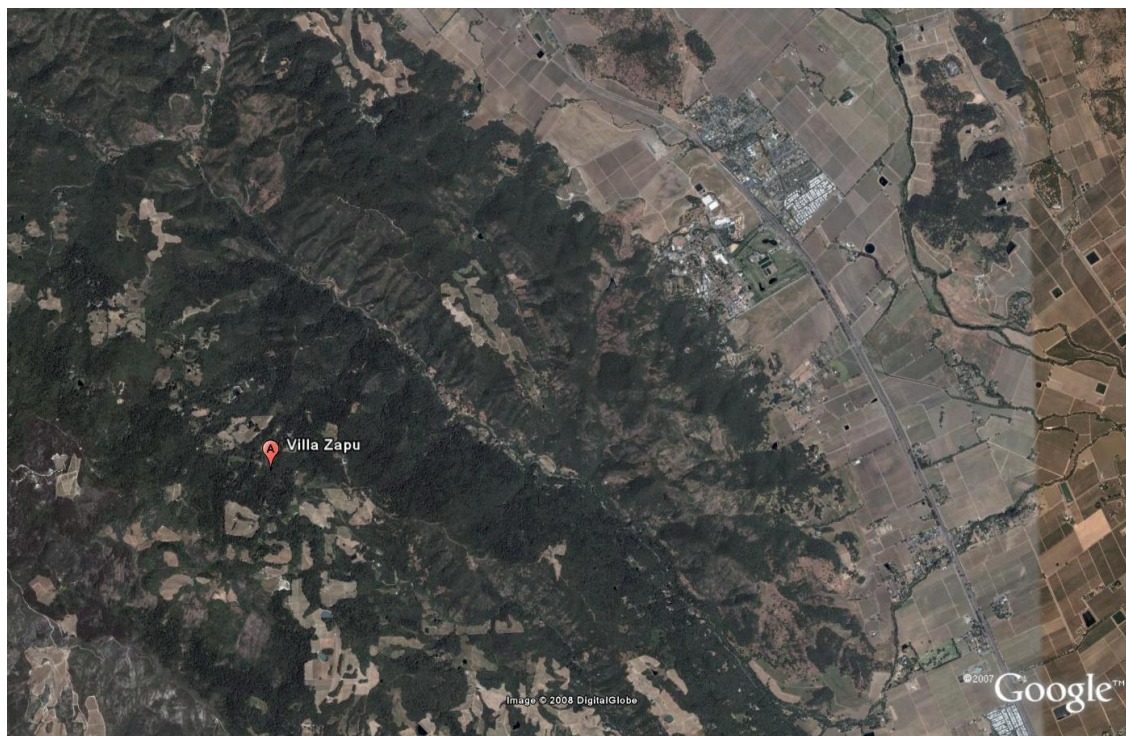


Figura 2.8 – Vista parcial da cidade de Napa, do vale em que se insere a Villa Zapu
[Fonte: Google Earth, pesquisa pela palavra Villa Zapu]

É neste contexto (uma região recheada de agricultores abastados, com poder económico suficiente para poder apostar em produtos como uma residência num estilo, frequentemente, muito personalizado) que encontramos o conjunto habitacional, que originalmente pretendia ser apenas uma casa de campo tradicional americana, sendo construído pelo gabinete do arquitecto britânico David Connor (Powell-Tuck, Connor & Orefelt, Ltd) que reverteu, nesta obra, todos os ideais *palladianos*¹⁹ ingleses, sendo inspirado pelas ideias revivalistas de um certo paisagismo informal natural dos ingleses William Kent e Capability Brown, num exercício pós-modernista, mas sem recorrer às suas formas habituais de “transgressão”.

Se pretendêssemos, numa frase, definir um estilo para aquele conjunto, muito provavelmente seríamos tentados a escolher o título, bastante ilustrativo, de um artigo

¹⁹ Referência aos princípios introduzidos na arquitectura por Andrea di Pietro dalla Gôndola, vulgo Andrea Palladio (1508-1580) que advogava, como Vitruvius no séc. I d.C., que a perfeição na arquitectura somente seria atingida mediante a imitação da natureza e foi um autor profícuo de inúmeras obras em Vicenza, Itália, sendo a sua obra mais conhecida e estudada a “Villa Almerico-Capra” dita “La Rotonda”, publicando em 1570 a obra *I Quattro Libri dell'architettura*, marco revolucionador da forma de pensar e realizar a arquitectura desde então, cit. in http://www.eesc.usp.br/babel/Palladio_biografia.htm e http://www.magicoveneto.it/Vicenza/Villa_Almerico_Capra.

publicado sobre este projecto por Carol Vogel no New York Times²⁰: **Design; Order and Chaos.**

2.7.2_DESCRIZAÇÃO GENÉRICA DO PROJECTO

A moradia situa-se no topo do Monte Vedeer²¹, numa quinta de 52,6 hectares de produção vinhateira, pertença do casal sueco Anna e Thomas Lundstrom e rodeada por uma mata natural de carvalhos.

O projecto é composto por uma rotunda de entrada/recepção e por dois edifícios habitacionais (residência particular toda construída em madeira e torre de hóspedes, cuja composição acentua constantemente o dilema entre a ordem e o caos) separados por uma piscina. Inclusivamente os estilos adoptados para o interior se reforçam esse dilema: portas ao estilo francês, sala com mobílias Louis XVI; tapeçaria flamenga; cortinas tipo “teia-de-aranha”, entre outros.

Como refere Carol Vogel no artigo supra citado, a casa assemelha-se a um palco, relativamente austero erguido num verdejante espaço natural, que assenta no terreno como uma nave espacial e cuja inspiração deriva, para além da influência da arquitectura *palladiana* inglesa, do movimento modernista dos anos 30 do séc. XX, patente na composição geral do projecto.

A questão que a Arquitecta Solange Smolarek Dias²² levanta (até onde chegaria a noção de pós-moderno na arquitectura?) é pertinente e bem exemplificativa do “caldo” de influências que norteou este projecto. Diz esta autora, tomando esta obra como referência, que a arquitectura, como os maneiristas da Itália renascentista sabiam, podia ser espirituosa e divertida sem descer ao nível do *pastiche* e da piada grosseira, não sendo de surpreender que tenham sido os italianos, no fim da década de 70 (do século XX), quem deram uma *guinada* no “pós-moderno”, que surgiu em Milão e resultando em abordagens, muitas vezes expressas, mais em exposições que em edifícios reais.

George Hargreaves foi o jovem Arquitecto Paisagista de S. Francisco responsável pelo arranjo paisagista exterior e colaborou no desenho do acesso de entrada, criando formas onduladas circulares que, derivando do círculo de entrada, terminam num outro círculo que envolve a torre de hóspedes, acentuando o sentimento de “drama” que envolve o conjunto (figuras 2.9, 2.10 e 2.11).

²⁰ VOGUEL, C. *Design; Order and Chaos*. New York Times, 2 de Outubro de 1988

²¹ www.davidconnordesign.co.uk.

²² DIAS, S. I. S. (2005). *História da Arquitectura III – CAU-FAG*. Brasil



Figura 2.9 – Villa Zapu – Vista de conjunto
[Fonte: DIAS, S. I. S. (2005). *História da Arquitectura III* – CAU-FAG. Brasil]



A



B



C

Figura 2.10 – Aspectos da Villa Zapu - I

A_ Vista aérea do conjunto

B_ Residência Principal

C_ Alçado Sul da Residência e Piscina

[Fonte: <http://www.hargreaves.com/projects/Residential/VillaZapu/>]



A



B



C

Figura 2.11 – Aspectos da Villa Zapu - II

A_ Alçado Norte da Torre de Hóspedes e Piscina

B_ Alçado Norte e entrada Principal

C_ Alçados Norte e Este da torre de Hóspedes e Piscina

[Fonte: <http://www.hargreaves.com/projects/Residential/VillaZapu>]

2.7.3_O PROJECTO DE ARQUITECTURA PAISAGISTA

Na figura seguinte pode observar-se uma imagem que reflecte o Plano Geral do projecto.

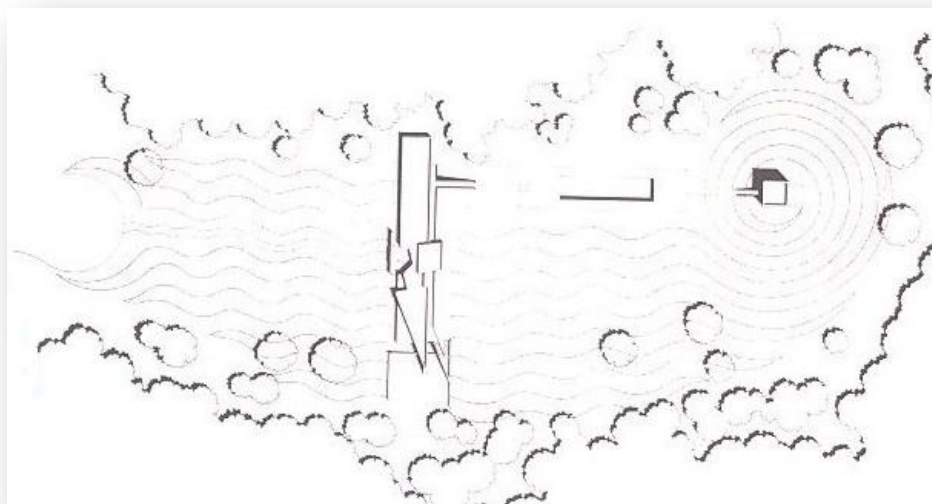


Figura 2.12 – Imagem relativa a um possível Plano Conceptual de Villa Zapu
[Fonte: CERVER, F. A. 1995]

Devido à localização específica deste conjunto e às condicionantes geográficas que ele impunha (um promontório rodeado de vegetação arbórea e arbustiva, destacando-se duas espécies principais: o carvalho negro (*Quercus douglasii*) e o carvalho negro da Califórnia (*Quercus kelloggii*), Hargreaves socorre-se da modelação do terreno e do uso de herbáceas autóctones (muito resistentes e bem adaptadas às condições de secura da região) para criar um desenho complementar e unificador do complexo: em torno da torre de hóspedes surgem uma série de círculos concêntricos de herbáceas, em duas faixas, que se diferenciam pela variação de cores que apresentam ao longo do ano e pela altura, nomeadamente a *Eschscholzia californica*, a *Poa annua* e a *Festuca meglura* nas faixas mais altas e a *Briza maxima* e o *Linum lewsii*, nas faixas mais baixas.

Estas faixas prolongam-se para Norte, envolvendo todo o complexo habitacional – torre, piscina e moradia – numa ondulação suave e terminando na praça de recepção, novamente em forma circular.

Pontualmente, encontramos alguns exemplares das espécies arbóreas referidas (eventualmente pré-existent), mantidas para garantir uma leitura contínua do espaço envolvente.

O acesso, em betão branco e com degraus suaves e generosos nas suas dimensões, acompanha igualmente a forma ondulada modelada no terreno tendo, em ambos os lados, uma faixa de gravilha mais grosseira e num tom mais escuro que inclui, nas partes côncavas os elementos de iluminação, pequenos candeeiros circulares.

Toda esta composição reforça a ligação, simbólica mas efectiva, com a vegetação (vinha, essencialmente) predominante em Napa Valley, e tudo isto num exercício puro de *Land Art*.

2.8_PROJECTO DE CARÁCTER PÚBLICO | GUADALUPE RIVER PARK



Figura 2.13 – Guadalupe River Park and Gardens
[Fonte: <http://www.geocities.com>]

2.8.1_LOCALIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O **Guadalupe River Park** localiza-se na baixa de San Jose, no estado da Califórnia (figura 2.14), está limitado pela auto-estrada 880 a norte e pela Coleman Avenue a sul e desenvolve-se numa faixa ao longo do Rio Guadalupe. Trata-se de um rio de pequenas dimensões que nasce nas Montanhas de Santa Cruz na Califórnia e se desenvolve para norte, ao longo da Falha de Silver Creek, passando por San Jose e desaguando na baía de São Francisco, em Alviso.

O rio Guadalupe esteve desde sempre associado a fenómenos de cheias na zona de San Jose, levando a que fosse iniciado um programa integrado de controlo de cheias, assegurando a protecção das zonas residenciais e comerciais junto ao rio. O precursor desse programa estruturado e estruturante foi o Santa Clara Valley Water District, que em 1991 passou a contar como parceiro o U.S. Army Corps of Engineers.

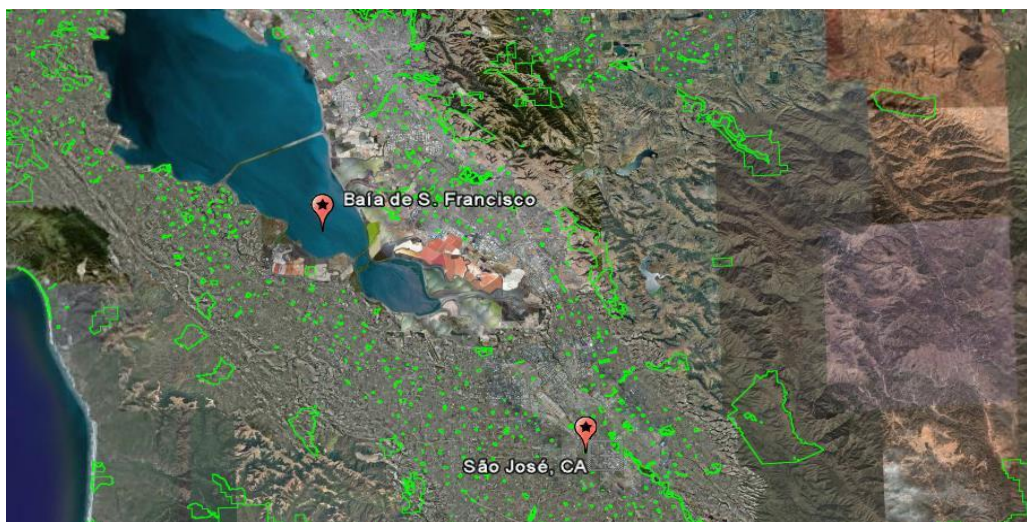


Figura 2.14 – Localização de San Jose, no estado da Califónia
[Fonte: Google Earth]

O programa consistia na contenção das margens do rio e na instalação de uma rede de espaços verdes ao longo do seu curso. O Guadalupe River Park é apenas uma pequena parte do ambicioso projecto global (numa extensão de 3 milhas – cerca de 4.8 quilómetros), surgindo directa e fisicamente associado a outro espaço verde de grande relevância, conceptualizado pelo mesmo arquitecto paisagista – **Guadalupe River Gardens**. Aproveitando essa conjuntura e no sentido de abarcar a perspectiva inicial do autor, optámos por estudar ambos os espaços, pelo que deste ponto em diante nos referiremos ao objecto do estudo como **Guadalupe River Park and Gardens**.

Em grande parte das margens do rio foram implantados parques, dos quais se destaca o Guadalupe River Park and Gardens, uma pequena parte daquele que é considerado como um dos maiores parques públicos actualmente em desenvolvimento no território norte-americano²³. O projecto do parque iniciou-se em 1984, com a construção a começar em 1992, ficando concluída em 1996²⁴.

A proximidade com o Mineta San Jose International Airport, os níveis de ruído associados e as normas de segurança aeronáutica em vigor, levaram a que em 1975 se tenha declarado o interesse público de toda a zona, tendo sido desde então removidas mais de 630 casas na envolvente, possibilitando o desenvolvimento de um projecto paisagístico desta envergadura

A figura 2.15 resume e localiza os locais objecto desta mega intervenção paisagística.

²³ <http://www.pt.wikipedia.org>

²⁴ <http://www.grpg.org>

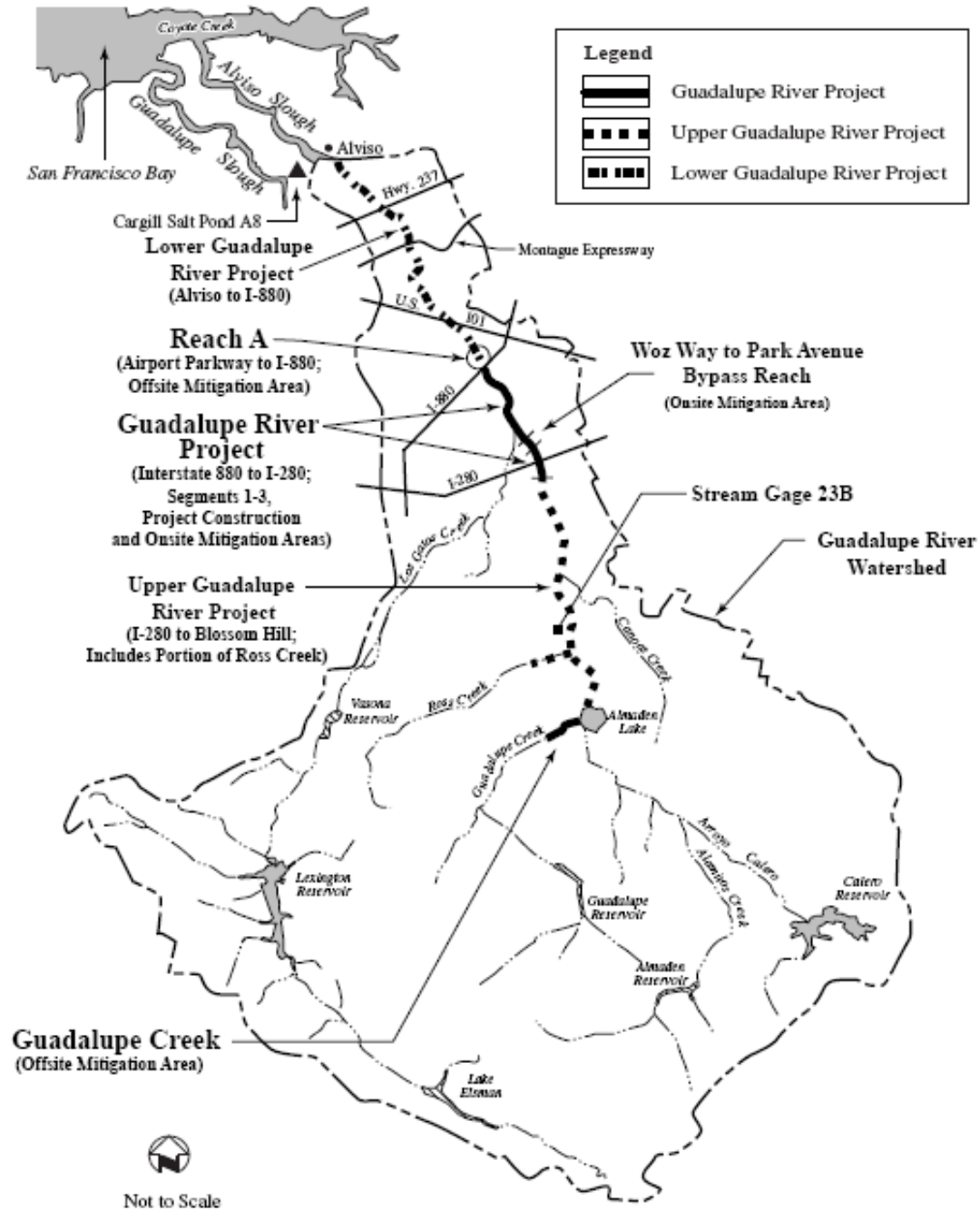


Figura 2.15 – Localização e resumo da zona de intervenção
 [Fonte: <http://www.spk.usace.army.mil>]

2.8.2_CONCEITO ASSOCIADO À CONCEPÇÃO

Ao longo dos seus 25 anos de actividade profissional, Hargreaves teve a oportunidade de intervir na arquitectura da paisagem em acções de carácter hidrológico, ao nível de cursos fluviais ambientalmente problemáticos.

Desde muito cedo que este paisagista encontrou na modelação do terreno a sua ferramenta preferida. Se numa fase inicial da sua vida este parâmetro se reflectia intensamente ao nível da *Land Art* de uma forma pura, hoje em dia muitos dos seus trabalhos procuram estabelecer relações entre as infra-estruturas hídricas e os espaços verdes públicos, através da reabilitação de margens ribeirinhas ou costeiras. De notar que a *Land Art* não foi nunca abandonada – os seus trabalhos continuam a reflectir uma forte componente visual – mas sim interpretada de uma forma mais madura e concertada com a função.



Figura 2.16 – Guadalupe River Park – vista aérea
[Fonte: <http://www.hargreaves.com>]

Segundo o próprio autor do projecto, o Guadalupe River Park é um paradigma de um moderno projecto de controlo de cheias, integrado numa **zona recreativa e de protecção da vida selvagem**, de grandes dimensões, **assegurando a presença da natureza no centro de San Jose e restabelecendo a relação física e visual entre a cidade e o rio.**

Este conceito fundamenta-se na certeza de que a reconversão destes locais em parques públicos e a sua entrega ao domínio público enriquece o ambiente urbano e coloca à disposição dos seus habitantes a natureza a poucos passos da cidade.

O ponto de partida foi o reconhecimento do Rio como um recurso natural da maior importância, promovendo a preservação da sua ecologia para as gerações vindouras. O projecto deveria expandir o rio para além das suas margens possibilitando ainda o seu atravessamento, com a consequente expansão da cidade e das suas acessibilidades.

“ (...) O desafio chave ao nível do design foi a integração das intervenções estruturais em grande escala com um conceito e programa tradicional de um espaço público (...)”²⁵

2.8.3_DESCRIZAÇÃO GENÉRICA DO PROJECTO



Figura 2.17 – Guadalupe River Park and Gardens – Plano Geral
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

Tal como já foi referido, o projecto inicial partiu da necessidade de ordenamento de uma frente ribeirinha problemática, do ponto de vista urbano, procurando concertar a gestão dos fluxos hídricos com o lazer e a recreação.

O primeiro passo foi a contenção do Rio Guadalupe, através da criação de estruturas que permitissem a circulação das águas, combinando zonas de circulação rápida – junto às pontes que fazem a travessia do rio – e zonas de circulação lenta, intensamente plantadas com espécies ripícolas, para a retenção de água durante longos períodos de tempo.

Nota: O Plano Geral deste projecto pode ser consultado na sua íntegra no anexo VII deste trabalho.

²⁵ George Hargreaves, in *Interventions in Hydrology*. Topos 59/2007.

Este objectivo exigiu um grande esforço ao nível da engenharia civil, justificando a parceria com o U.S. Army Corps of Engineers. Não obstante, a experiência de Hargreaves ao nível da complexidade e conservação dos espaços naturais e sistemas territoriais de um modo geral, foi determinante para a protecção e valorização ambiental alcançada.

A solução preconizada assentou no terraceamento das margens do canal natural, por recurso a muros de gabião plantados com espécies ripícolas autóctones e capazes de resistir a inundações periódicas. Estas margens terraceadas e onduladas – de efeito visual marcadamente antrópico – conferem ao espaço formas bastante interessantes, assumindo-se como a espinha dorsal da margem ribeirinha resultante (figuras 2.18, 2.19 e 2.20).

Esta armação do terreno eleva as cotas das margens do rio e só foi possível devido aos diversos *bypass* que foram feitos ao longo do seu curso (para a diminuição do seu caudal), a montante deste local, associados à construção de viadutos e passagens pedonais que ligam as duas margens e à protecção dessas mesmas margens contra a erosão.

O conjunto destas intervenções permitiu elevar o caudal potencial do rio Guadalupe em mais de 240%, passando de aproximadamente 200m³/segundo para quase 500m³/segundo. A capacidade adicional confere à área adjacente ao rio protecção contra a cheia dos 100 anos. Na figura 2.21 estão patentes a totalidade das intervenções de engenharia referidas, bem como a sua localização.

Ladeando o curso do rio, foram construídos percursos pedonais pavimentados, passíveis de serem utilizados apenas nos períodos de baixo caudal. Nas épocas de cheias esses percursos ficam submersos e o rio passa a ser navegável²⁶.

Em alguns troços destes percursos podemos encontrar as margens totalmente naturalizadas, preservando a vegetação ripícola necessária à conservação da qualidade da água e dos habitats piscícolas, com especial importância para o salmão e para os seus percursos migratórios e reprodutivos.

²⁶ George Hargreaves, *in Interventions in Hydrology*. Topos 59/2007.



Figura 2.18 – Percurso pedonal sob a auto-estrada
[Fonte: <http://www.geocities.com>]



A



B



C

Figura 2.19 – Terraceamento das margens ribeirinhas

A_ Vista das plantações nos terraços construídos ao longo das margens

B_ Zonas naturalizadas do Rio Guadalupe

C_ Perspectiva dos muros de gabião

[Fonte: <http://www.geocities.com>]



A



B



C

Figura 2.20 – Terraceamento das margens ribeirinhas

A_ Percurso pedonal ao longo do curso do rio

B_ Percurso pedonal sob diversos viadutos

C_ Terraços plantados com espécies arbóreas autóctones

[Fonte: <http://www.geocities.com>]

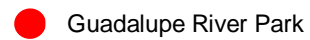


Figura 2.21 – Programa de intervenção para controlo de cheias no Rio Guadalupe
[Fonte: <http://www.spk.usace.army.mil>]

O passo seguinte consistiu na concepção dos grandes espaços verdes abertos, destinados ao uso público.

A este nível foi intervencionada uma área muito mais abrangente que a deste estudo (um total superior a 80 hectares), tendo sido criada uma rede intrincada de diversos espaços de lazer (parques públicos, praças, zonas de recreio activo).

Em anexo a este estudo é apresentado um Plano Geral da totalidade da área de intervenção (anexo VI), a partir do qual podemos ter uma noção acerca da localização desses espaços e da relação geográfica e biofísica entre eles. [Fonte: <http://www.grpg.org>]

2.8.4_VEGETAÇÃO

Através da análise desse Plano Geral, é perceptível a existência das duas zonas em estudo:

a | Guadalupe River Park

Faixa localizada ao longo do Rio Guadalupe, de carácter profundamente naturalizado e percorrida por uma rede de caminhos serpenteantes que se cruzam entre si, onde a linha curva é rainha. Ao longo destes caminhos surgem pequenos bosquetes elevados (resultado de uma intensa e pormenorizada modelação do terreno – figura 2.22), que conferem ao espaço a sombra necessária a longos passeios, bem como o factor surpresa – nunca se sabe o que está para lá da próxima curva...



Figura 2.22 – Maqueta de modelação do terreno do Guadalupe River Park
[Fonte: CERVER, F. A. 1995]

Em momento algum da fase de pesquisa para a realização deste estudo foi possível saber qual a vegetação que Hargreaves usou na concepção dos bosquetes ou da

reabilitação da faixa ribeirinha. No entanto, optamos por indicar alguma da vegetação arbórea autóctone, certos de que a escolha deverá ter passado por algumas destas espécies, se não mesmo de todas. As espécies ripícolas características daquela região são o *Alnus rhombifolia*, a *Betula occidentalis*, o *Fraxinus latifolia*, o *Populus balsamifera*, o *Populus fremontii* e o *Populus tremuloides*.

b | Guadalupe Gardens

Em oposição ao espaço verde anterior surgem os Guadalupe Gardens, com o seu carácter formal e geométrico. Compreende uma série de jardins distintos entre si, mas que se harmonizam em torno da referência metafórica do legado agrícola de San Jose.

Desses jardins fazem parte o Heritage Rose Garden, o Historic Orchard, o Courtyard Garden e o Taylor Street Rock Garden (figura 2.23), que na totalidade ocupam uma área de 1.6 hectares.



Figura 2.23 – Guadalupe Gardens

A_ Heritage Rose Garden

B_ Historic Orchard

C_ Courtyard Garden

[Fonte: Google Earth]

- Heritage Rose Garden



Figura 2.24 – Heritage Rose Garden
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

Tal como o próprio nome indica (Heritage Rose Garden = Roseiral Patrimonial), este jardim mais não é que uma colecção botânica de roseiras, com mais de 3700 variedades, antigas e modernas (cultivadas nos últimos 400 anos), contendo mais variedades que qualquer outro jardim do hemisfério oeste. Foi instalado em 1995 e a sua manutenção é feita essencialmente por voluntários, ainda que com o apoio da Câmara de San Jose²⁷.

É um espaço que está aberto ao público durante todo o dia e onde não é cobrada qualquer entrada. As roseiras estão dispostas por sectores, em círculo, concentricamente em relação a um espaço central, sendo atravessados por alguns caminhos lineares (figura 2.25).

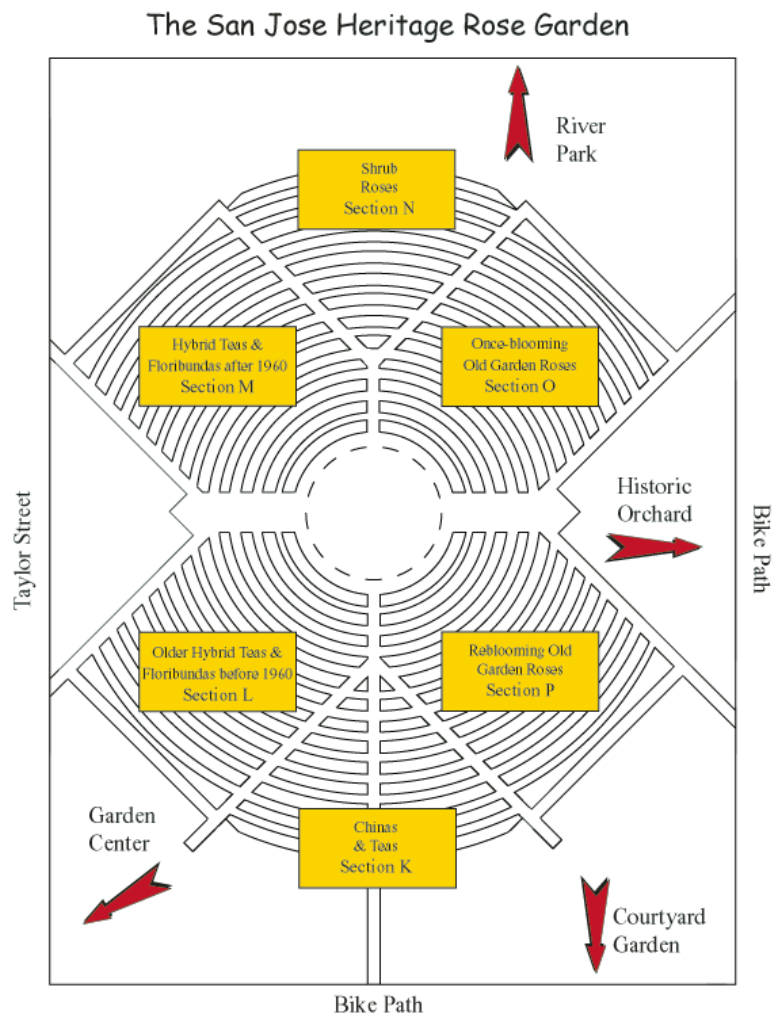


Figura 2.25 – Disposição espacial das roseiras no Heritage Rose Garden
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

²⁷ <http://www.grpg.org>

- Historic Orchard

Da mesma forma que o espaço anterior, este é um jardim temático e uma colecção botânica de fruteiras com uma dimensão de aproximadamente 1.3 hectares (figura 2.26). Trata-se de um pomar instalado em 1994, onde as variedades existentes são aquelas que tornaram outrora o Vale de Santa Clara famoso e conhecido como o Vale das Delícias do Coração (“The Valley of Heart’s Delight”²⁸). A principal actividade económica desta região foi em tempos a fruticultura, que empregava a maioria da população local. A produção frutícola tem vindo a ser continuamente abandonada e hoje em dia são poucos os pomares existentes, pelo que este funciona como um local onde crianças e adultos podem reviver um pouco da história local.



Figura 2.26 – Historic Orchard
[Fonte: <http://www.geocities.com>]

O pomar conta com mais de 250 fruteiras, das quais a sua maioria são pomóideas (macieiras) e prunóideas (cerejeiras, damasqueiros, ameixeiras, entre outros). A produção obtida é doada na sua totalidade a um Banco Alimentar local (Second Harvest Food Bank of Santa Clara and San Mateo Counties).

Na figura 2.27 é apresentado o esquema de plantação do pomar, com a disposição das diferentes variedades existentes.

²⁸ <http://www.grpg.org>

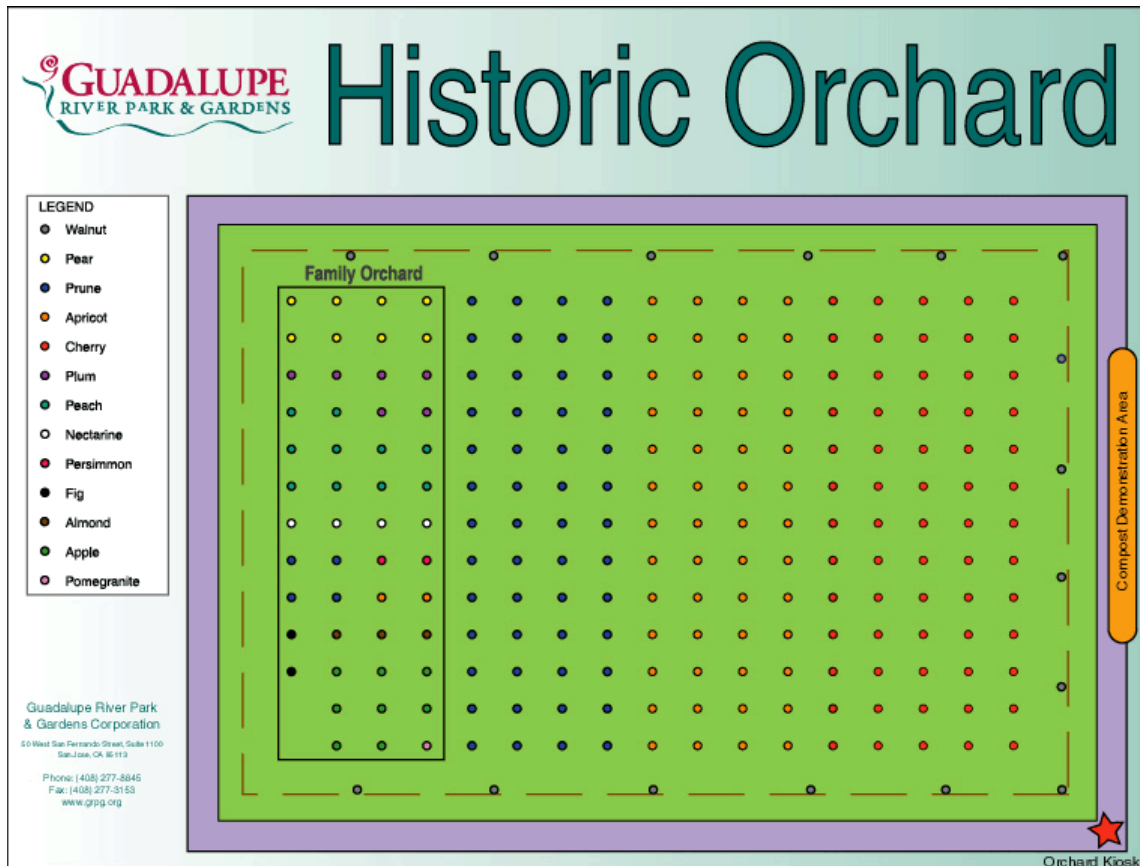


Figura 2.27– Plano de plantação do pomar
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

- Courtyard Garden e Taylor Street Rock Garden

Estes foram os primeiros jardins a serem concluídos nos Guadalupe Gardens e a sua forma reproduz os caminhos serpenteantes do Guadalupe River Park.



Figura 2.28 – Courtyard Garden
[Fonte: <http://www.geocities.com>]

A vegetação existente é composta – para além dos relvados – por espécies herbáceas e arbustivas de pequeno porte, com dominância das espécies de flor, gramíneas e subarbustivas. O Rock Garden tem a particularidade de utilizar apenas espécies resistentes à seca.

Em 1999, as preocupações ambientais levaram a que o sistema de rega implantado tenha sido totalmente reconvertido, permitindo a rega com água reciclada e servindo como ensaio para uma posterior reconversão da totalidade do sistema de rega dos Guadalupe Gardens.



Figura 2.29 – Plano do Courtyard Garden
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

2.8.5_EQUIPAMENTOS

Através da (pouca) informação de que dispomos, é possível concluir que a escolha do tipo de equipamentos existentes nos Guadalupe River Park and Gardens não primou pela coerência nem pela uniformidade.

Nas zonas que se prevêem inundáveis, houve a preocupação de escolher materiais resistentes à água, nomeadamente metais e pedras. Nos restantes espaços, a madeira foi utilizada conjuntamente com os restantes.

É possível constatar que cada zona do parque tem um tipo de equipamento e que nem sempre estes se harmonizam. Talvez isto se fique a dever à intervenção faseada de que o parque tem sido objecto.

2.8.5.1_ RECEPTÁCULOS PARA LIXO



Figura 2.30 – Tipologias de receptáculos para lixo
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

Na figura 2.30 podemos observar algumas das tipologias de receptáculos para lixo existentes no perímetro do Guadalupe River Park and Gardens.

Os factores de escolha parecem ter sido a longevidade e a volumetria do material, em detrimento da sua qualidade estética.

2.8.5.2_ BANCOS



Figura 2.31 – Diferentes tipologias de bancos
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

No que respeita aos bancos, parece não ter havido a menor concertação em relação às suas tipologias nem aos materiais utilizados.

É possível encontrar bancos de pedra (figura 2.31 C) madeira (figura 2.31 B) e de madeira com estrutura metálica (figuras 2.31 A e 2.31 B).

2.8.5.3_ MESAS PARA PIQUENIQUE



Figura 2.32 – Diferentes tipologias de mesas de piquenique
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

Também aqui a diversidade é grande: as mesas de piquenique encontradas variam na estética e no material utilizado.

Existem mesas e bancos metálicos (figura 2.32 D), de estrutura metálica e tampos de madeira (figura 2.32 A), de madeira (figura 2.32 B) e de cimento pintado (figura 2.32 C).

Mais uma vez é possível perceber a evolução temporal do projecto, com a estética do material a variar em função da época em que foi instalado.

2.8.5.1_SINALÉTICA



Figura 2.33 – Diferentes placas de sinalização
[Fonte: <http://www.grpg.org>]

A sinalética é outro dos elementos que apresenta diversas tipologias neste parque. No entanto, e dada a semelhança entre as cores e os materiais escolhidos, o conjunto apresenta-se com alguma harmonia.

2.8.7_OUTROS

A título de curiosidade, apresentam-se algumas imagens dos restantes espaços de lazer concebidos ao longo do Rio Guadalupe (todos eles temáticos).

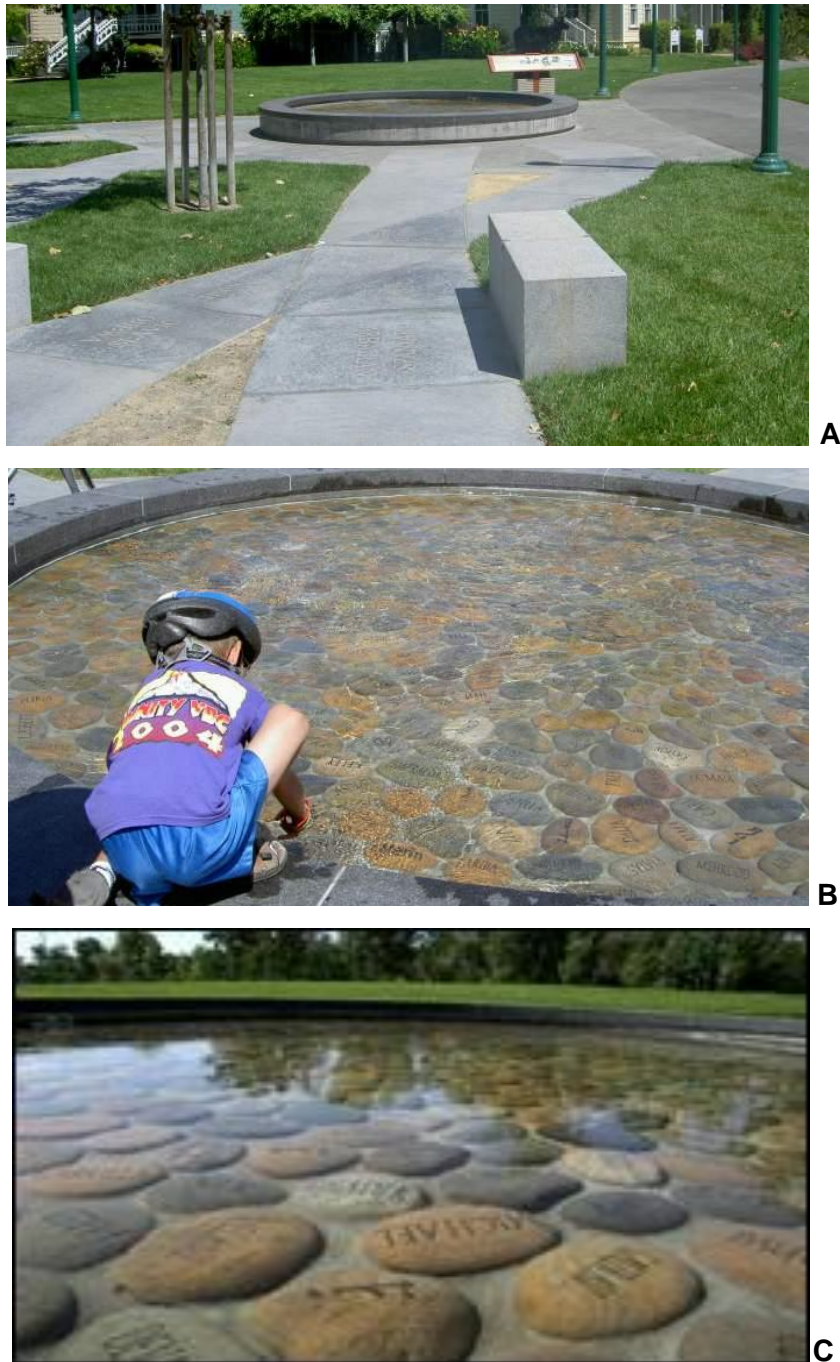


Figura 2.34 – Pool of genes (Piscina de genes)

A_ Braided Path

B_ Pool of genes (referência à diversidade etnográfica de San Jose)

C_ Pormenor das pedras de rio inscritas com os nomes de crianças de San Jose

[Fonte: <http://www.geocities.com>]



A



B



C

Figura 2.35 – Arena Green

A_ Monumentos de homenagem a patinadores olímpicos notáveis

B_ Parque infantil

C_ Carrossel infantil (com referência a animais nativos de San Jose)

[Fonte: [http://www. geocities.com](http://www.geocities.com)]



Figura 2.36 – Diferentes espaços verdes ao longo do Guadalupe River

A_Confluence Point (ponto de confluência entre o Rio Guadalupe e a Ribeira de Los Gatos)

B_ McEnery Park

C_ McEnery Park (simulação do curso do rio e das suas margens)

[Fonte: [http://www. geocities.com](http://www.geocities.com)]



A



B



C

Figura 2.37 – Discovery Meadows (Pradarias da Descoberta)

A_Escadaria de acesso às Pradarias da Descoberta
B_ Monopoly in the Park (Jogo de Monopólio desenhado no chão, ao ar livre)

C_ Parque de merendas junto ao Monopólio

[Fonte: <http://www.geocities.com>]

3_NOTAS FINAIS

O estudo que levámos a cabo sobre a vida e obra dos Arquitectos Paisagistas Jorge Cancela e George Hargreaves, permite-nos concluir que, não só a evolução da Arquitectura, mas do pensamento humano fortemente relacionado com a evolução do próprio homem fazem com que cada vez mais a Arquitectura Paisagista tenha um elevado potencial para responder às mais variadas solicitações de uma forma inovadora, estética e formal, sem deixar de respeitar o factor mais importante: a sustentabilidade da actividade humana com respeito pelas componentes ecológicas e culturais.

Com Jorge Cancela experimentamos especialmente uma prática de Arquitectura Paisagista muito relacionada e vocacionada para os problemas de Recuperação de orlas costeiras e/ou ribeirinhas, num contexto global de Ordenamento do Território e de preservação da paisagem natural, assumindo como tendência evolutiva do seu conceito de Arquitectura Paisagista a própria definição de Caldeira Cabral, seu orientador de estágio.

Com Hargreaves temos a sorte de avaliar a evolução que o seu trabalho sofreu ao longo do tempo, começando por ser um exercício quase puro do domínio formal do espaço de projecto e encontrando na modelação do terreno a sua ferramenta preferida, parâmetro que numa fase inicial da sua vida se reflectia intensamente ao nível da *Land Art* de uma forma muito pura e que o aproxima da corrente pós-modernista que singra em Harvard, nas suas diferentes vertentes, hoje em dia muitos dos seus trabalhos procuram estabelecer relações entre as infra-estruturas hídricas e os espaços verdes públicos, através da reabilitação de margens ribeirinhas ou costeiras. Não sendo a *Land Art* nunca abandonada, os seus trabalhos continuam a reflectir uma forte componente visual, interpretada agora de uma forma mais madura e concertada com a função.

Teria sido uma experiência muito enriquecedora o ter conseguido contactar com este Arquitecto Paisagista (ou algum assessor dos seus gabinetes). Apesar de compreendermos que há na vida momentos de maior ocupação profissional, seria muito bom que os grandes mestres se lembrassem um pouco que já foram inexperientes estudantes.

4_BIBLIOGRAFIA

4.1_LIVROS CONSULTADOS

- BRANDÃO, P., CARRELO, M. e ÁGUAS, S., 2002. *O Chão da Cidade – guia de avaliação do design de espaço público*. 199 pg. Centro Português de Design.
- CALDEIRA CABRAL, F., 2003. *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa, 2ª edição, 203 pp.
- CERVEIRA, M., 1990. *Os Elementos Verdes nos Aglomerados Urbanos*. Ministério do Planeamento e da Administração do Território, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.
- CERVER, F. A. 1995. *World of Environmental Design – Business and Corporation Parks. Roof Gardens*. Vol. 4. pp. 195 – 199. ISBN 84-8185-008-X, Barcelona, Espanha.
- CERVER, F. A. 1995. *World of Environmental Design – The World of Landscape Architects*. Vol. 10. pp. 128 – 137. ISBN 84-8185-003-9, Barcelona, Espanha.
- CORREIA, C. P; CASTEL-BRANCO, C. e FURTADO, J. A., 1994. *Os Quatro Rios do Paraíso*. ISBN: 972-20-1130-8, 1ª Edição; Publicações D. Quixote, Lisboa.
- CZERMYACK, J. HARGREAVES, G., 2007. *Large Parks*. Princeton Architectural Press, New York.
- DIAS, S. I. S. (2005). *História da Arquitectura III – CAU-FAG*. Brasil.
- GAUZIN-MÜLLER, D., 2003. *Arquitectura Ecológica*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. Espanha.
- HEDLIN, H e NIMMO, M., 1987. *Enciclopédia Blume de los Árboles, Maderas e Bosques del Mundo*. 1ª Edição. Editorial Blume S.A. Barcelona, Espanha.
- HUMPHRIES, C. J.; PRESS, J. R.; SUTTON, D. A., 2005. *Guia FAPAS - Árvores de Portugal e da Europa*. 2.ª Edição; Editado por FAPAS, Fundo para a protecção dos Animais Selvagens e por Planeta das Árvores, Lisboa.
- JELICOE, G. e JELICOE, S., 2004. *El Paisaje del Hombre*. Versão castelhana de Carlos Sáenz Valicourt, arqtº. ISBN: 84-252-1658-3. 3ª Edição, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona. 408 pp.
- LIEUTAGHI, P. (2002). *O Grande Livro das Ervas*. - Temas e Debates – Lisboa.
- MOREIRA, I. e DUARTE, M. C., (sem data). *Comunidades Vegetais Aquáticas e Ribeirinhas*. Capítulo 3. ISA Press. Lisboa.
- RIBEIRO, O., 1998. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa 22.
- RUANO, M., 2006. *Ecourbanismo – Entornos Humanos Sostenibles: 60 Proyectos*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. Espanha.
- VÁRIOS, 1996. *Nomes Vulgares de Plantas Existentes em Portugal*. Protecção da Produção Agrícola, Direcção-Geral de Protecção das Culturas, Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas. Edição Especial, Lisboa.
- VÁRIOS, 2006. *Botanica's Pocket Trees & Shrubs*. Könemann.

4.2_OUTRAS PUBLICAÇÕES

- æ ensaios. (Fevereiro de 2007). *O Pitoresco e o Jardim Anglais* por Roseli M. Martins. D'Elboux - Vol.II, nº1. 27 pp.
- New York Times. (2 de Outubro de 1988). *Design; Order and Chaos*, artigo de Carol Vogel.
- Direcção de Schäfer, Robert. Topos n.º59/2007. *Interventions in Hydrology*. Artigo de George Hargreaves e Liz Campbell Kelly.

4.3_SÍTIOS WEB CONSULTADOS

(entre Dezembro de 2007 e Maio de 2008)

<http://en.wikipedia.org>
<http://frproart.blogs.sapo.pt>
<http://rockymountainnationalpark.com>
<http://viagem.hsw.uol.com.br/california18.htm>
http://winexperts.terra.com.br/artigos_detalhes.asp
<http://www.arpas.pt/arpas.html>
<http://www.caleida.pt/clepsidra/paginas/apresentacao.html>
<http://www.cm-leiria.pt>
<http://www.davidconnordesign.co.uk>
http://www.eesc.usp.br/babel/Palladio_biografia
<http://www.geocities.com>
<http://www.globalbioclimatics.org>
<http://www.grpg.org>
<http://www.gsd.harvard.edu/people/faculty/hargreaves/cv.htm>
<http://www.gsd.harvard.edu/people/faculty/hargreaves/index.html>
<http://www.hargreaves.com/firm>
<http://www.hargreaves.com/projects/Academic>
<http://www.hargreaves.com/projects/Corporate>
<http://www.hargreaves.com/projects/Institutional>
<http://www.hargreaves.com/projects/PublicParks>
<http://www.hargreaves.com/projects/Residential>
<http://www.hargreaves.com/projects/UrbanDesign>
<http://www.hargreaves.com/projects/Waterfronts>
<http://www.hno.harvard.edu/gazette/1997/02.06/LandscapeAlchem.html>
<http://www.humboldt.edu/~cga/calatlas/index.html>
<http://www.iflaonline.org>
<http://www.iplb.pt>
<http://www.isa.utl.pt/def/gemf/viveiro/venda.htm>
<http://www.landscapeonline.com>
<http://www.lib.utexas.edu/maps/california.html>
http://www.magicoveneto.it/Vicenza/Villa_Almerico_Capra
<http://www.papress.com/bookpage.tpl?isbn=1568986246>
<http://www.polis.maotdr.gov.pt>
<http://www.pt.wikipedia.org>
<http://www.regiaodeleiria.pt>
<http://www.sheratonporto.com>
<http://www.spk.usace.army.mil>
<http://www.universal.pt>

JORGE CANCELA | GEORGE HARGREAVES

O seu percurso de vida apresenta algumas semelhanças, para além do nome, nomeadamente ao nível do empreendedorismo, na medida em que ambos fundaram o seu próprio gabinete e decidiram enveredar pela realização de obras quase sempre públicas e de grande envergadura, com alguma proximidade filosófica entre estes dois profissionais, ainda que esta se reflita de forma diferente na execução dos seus trabalhos, destacando-se na concepção de grandes espaços de usufruto comunitário com um carinho especial pela recuperação de orlas costeiras e/ou ribeirinhas, num contexto global de ordenamento do território e de preservação da paisagem natural e, ambos, sentindo a necessidade de internacionalização e divulgação dos seus trabalhos.

A docência é mais uma das particularidades que os une, na medida em que ambos tentam transmitir a informação que um dia lhes foi passada e que o tempo aperfeiçoou.

Do portfolio de trabalhos que ambos realizaram, optámos por analisar o Jardim do Sheraton Porto Hotel & SPA e o Parque da Cidade de Leiria, de Jorge Cancela, e o Jardim da Villa Zappu e o Guadalupe River Park (ambos no estado da Califórnia, EUA), de George Hargreaves.